



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

SARA LIMA SILVA

#TBT: RESGATE DA MEMÓRIA NO INSTAGRAM?

Salvador
2018

SARA LIMA SILVA

#TBT: RESGATE DA MEMÓRIA NO INSTAGRAM?

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Colegiado do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profº. Dr. André Luiz Martins Lemos

Salvador
2018

SARA LIMA SILVA

#TBT: RESGATE DA MEMÓRIA NO INSTAGRAM?

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Salvador, ____/ 12 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Lemos (Orientador)

Me. Elias Bitencourt (Avaliador)

Me. Ravena Maia (Avaliadora)

Salvador
2018

AGRADECIMENTO

Aos que fizeram parte deste ciclo que se completa. Ao universo por ter me colocado onde estou e me rodeado de todos os tipos de pessoas: as que chegaram e se foram, as que estão e as que nunca deixarei ir.

Aos meus pais, Cristina e Raimundo, por serem quem são e por terem me auxiliado a ser como sou hoje. Ao meu pai, que, mesmo não entendendo meus caminhos, orgulha-se de mim; à minha mãe por ter me emprestado traços de sua personalidade. Agradeço em especial minha avó, que tanto sinto saudade, por em parte ainda influenciar minhas escolhas.

Agradeço ao teatro por me revigorar e energizar quando preciso, além de ter colocado pessoas maravilhosas em meu caminho. Minha pouca experiência com essa entidade me transformou e me impulsiona a sempre seguir minha intuição. Atuando estou e sempre estarei. Foi dessa forma que consegui chegar até aqui. E lembrando. Teatro é sempre memória.

Serei constantemente grata a Larissa, Lucas e Marina, a ordem é só alfabética, por terem compartilhado comigo os últimos anos e por ainda serem pacientes comigo. Eu não tenho dúvidas de que se não fossem por vocês, não estaria da forma que estou e aqui. Agradeço também a André Lemos por me orientar de forma única nesse caminho por vezes tão confuso para mim.

Sou grata ao suporte de todos meus familiares presentes nessa jornada. Não caberia nomear cada um, mas garanto me fazer presente quando minha ajuda for necessária. A mim por não ter desistido. A William por me acalmar.

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse. Com um esforço de memória, como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva.

Clarice Lispector

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a relação entre o caráter efêmero do Instagram e o compartilhamento de imagens antigas com a *hashtag* *ThrowBack Thursday* (#tbt). A partir do entendimento sobre a relação entre a fotografia e a memória, apanhado das principais redes sociais baseadas no compartilhamento de fotografias, da observação das principais estratégias de interação no Instagram, da caracterização dos usos de metatexto, como legendas e *hashtags*, na produção de sentido nas publicações, pode-se analisar o contexto em que a #tbt está inserida. Com base em dados colhidos a partir de um questionário online com 317 respondentes, buscou-se compreender a relação criada entre a *hashtag*, a dinâmica do aplicativo e o compartilhamento de fotografias antigas.

Palavras-chave: Instagram, memória, #tbt, metatexto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Página inicial do site do Fotolog para não cadastrados.....	22
Figura 2 – Apresentação do aplicativo	23
Figura 3 – Página inicial do Flickr para não cadastrados	24
Figura 4 – Aba tendências do Flickr mostrando as <i>hashtags</i> mais utilizadas no site.....	25
Figura 5 – “Mapa-Múndi”	26
Figura 6 – Página Inicial do Facebook para não cadastrados.....	27
Figura 7 – Perfil no Facebook.	28
Figura 8 – Lembranças e Celebração de Aniversário.....	29
Figura 9 – Apresentação do Facebook Stories.....	30
Figura 10 – Filtros temáticos da rede social	30
Figura 11 – Apresentação do Snapchat	32
Figura 12 – Efeitos "Vomitando arco-íris" e "Assustador"	32
Quadro 1 – Principais características das redes sociais imagéticas abordadas	34
Figura 13 – Interface da primeira versão do Instagram.....	37
Figura 14 – Página inicial para não cadastrados no Instagram versão Web.....	38
Figura 15 – Apresentação dos filtros e edição do feed.....	39
Figura 16 – Apresentação do Instagram Stories	40
Figura 17 – Filtro espelhado, “caleidoscópio”, cor e gradeado no Stories antes da captura da imagem	41
Figura 18 – Edições destinadas unicamente aos vídeos	41
Figura 19 – Stickers no Stories.....	42
Figura 20 – Arquivo de Stories, disposição do recurso no feed, nomes e destaques sugeridos pelo aplicativo	43
Figura 21 – Stickers e diferentes formatações de texto no Stories.....	46
Figura 22 – Página da #love no Instagram	48
Gráfico 1 – Pergunta: Em qual recurso você mais compartilha imagens antigas?	51

Figura 23 – Fotografias no Stories com a #tbt	
Gráfico 2 – Alguma vez você esperou a quinta-feira para compartilhar uma imagem antiga?	
.....	53
Figura 24 – #tbt no Stories em outros dias da semana	54
Figura 25 – #tbt no feed com uso de legenda	55
Gráfico 3 – Você acha que faz sentido compartilhar suas memórias com pessoas que não lhe conhecem?	56
Figura 26 – Fotografias a partir de outras imagens	56
Figura 27 – Momentos compartilhados usando a #tbt.....	57
Figura 28 – Expressões de sentimentos com a #tbt	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. MEMÓRIA E FOTOGRAFIA	13
2. REDES SOCIAIS	21
3. O INSTAGRAM	36
4. MEMÓRIA E INSTAGRAM - O CASO #TBT	50
CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE	67

INTRODUÇÃO

A fotografia, a partir da representação de momentos especiais, é uma das maneiras mais precisas de resgatar lembranças. A relação entre a memória e a fotografia surge da atribuição do sentido de reminiscência àquela imagem, sendo reconhecido o que está retratado como pertencente ao passado. No processo de rememoração, “nós nos valemos das imagens das coisas”. (FELIZARDO; SAMAIN 2007, p. 212)

Na era da fotografia analógica, a fotografia amadora e doméstica foi por muito tempo reservada a momentos solenes, como nascimento, casamento e festas em família. Tidos até hoje como símbolos de memória, os álbuns de retratos guardavam essas imagens, trazendo lembranças de acontecimentos marcantes, remontando o passado de parentes já falecidos e conhecendo familiares distantes

Preocupações como o limite da captura de fotos - a primeira câmera Kodak possuía um filme com 100 poses, que posteriormente seria enviado à empresa para revelação -, interferiam na escolha e exclusão do que fotografar. As poses eram guardadas para momentos especiais de quem fotografava e era fotografado, culminando em sequências de momentos específicos, muitas vezes seguindo uma cronologia da vida nos álbuns de retratos.

Substituídos hoje pela *timeline* em redes sociais digitais, devido a popularização da fotografia digital, essa cronologia construída não se limita mais apenas a ocasiões especiais pois abarca todo e qualquer momento, sendo banal ou não. A massificação das câmeras digitais dinamizou a relação entre o sujeito e a fotografia, expandindo as motivações e a maneira de produzir uma imagem. Conservar momentos, com a tecnologia digital, passou a ser uma experiência cada vez mais individual a medida que a foto pode ser produzida, armazenada e manipulada como o produtor quiser. Discutida desde a fotografia analógica, a posição do fotógrafo também é repensada na era digital, uma vez que qualquer um que possuir um dispositivo com câmera pode fotografar.

Mais do que isso, a popularização dos smartphones com câmeras acopladas possibilitou uma nova relação com as produções de registros imagéticos, na qual qualquer um pode produzir, editar, estocar constantemente e compartilhar na mesma medida. Com surgimento da internet, amplia-se ainda mais a noção do ato de fotografar, uma vez que “hoje em dia, o

verdadeiro valor da imagem é ser compartilhada”. (GUNTHER 2009, p.193, apud PASTOR, 2016, p.13)

Na era da fotografia digital, por fazer surgir em diferentes contextos e plataformas milhares de fotografias diariamente sem preocupação estética e facilmente descartáveis, adiciona-se cada vez mais um caráter efêmero as imagens. Fotografa-se tudo o tempo todo, como forma de registrar e lembrar de tudo. Surgem questionamentos sobre a relação entre a memória e a imagem a partir da busca em rememorar acontecimentos ou pessoas através da fotografia digital e, principalmente, em redes sociais (ALENCASTRO; BONIN, 2010; CASADEI, 2009; CUNHA, 2011). Como é constituída a relação entre a era digital, na qual tudo pode ser fotografado, e a memória? De que forma o compartilhamento desses registros nas redes sociais conversa com o caráter de memória das imagens?

O presente estudo interessa-se pelo fenômeno da circulação de imagens antigas, remetentes à memória, nas redes sociais digitais que possuem a premissa da instantaneidade e da efemeridade, levando em conta a prática fotográfica em rede social. Esta pode ser entendida “como uma prática de escrita, descrição e interação através de símbolos, textos e narrativas construídas conjuntamente com a imagem” (LE MOS; PASTOR, 2018, p. 17). O foco do estudo é o compartilhamento de fotografias antigas utilizando a *hashtag* #tbt, o *ThrowBack Thursday*, em português “quinta do retorno”.

Agrupando todos os tipos de fotos como selfies, retratos, paisagens, objetos, inclusive arquivos de vídeos, a #tbt viralizou no Instagram quando celebridades começaram a adotar a tendência, logo após o aplicativo permitir o uso de *hashtags* nas publicações no final de 2011. Em 2013, a *hashtag* já possuía anexadas mais de 127 milhões de fotos¹. Seu uso aumentou durante os anos, sendo em 2017 a oitava² *tag* mais utilizada por brasileiros no Instagram. No início, as únicas regras para utilizar a #tbt eram: 1. Compartilhar somente fotos com mais de cinco anos e, 2. Publicar a imagem na quinta-feira. Hoje, no entanto, é aceitável qualquer tipo de imagem antiga, podendo ser tanto fotografias da infância como as do final de semana passado. A premissa é que a imagem faça parte de um momento memorável.

O conhecimento já produzido sobre as questões levantadas nos próximos capítulos como memória, fotografia, redes sociais digitais e compartilhamento de fotos, além de estudos sobre

¹ Fonte: < <http://blog.instagram.com/post/70481528083/2013-tbt> > Acesso em: 17 ago. 2018

² Fonte: < <https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/11/instagram-chega-a-800-milhoes-de-usuarios-e-revela-top-hashtags-de-2017.ghml> > Acesso: 17 ago. 2018

o Instagram, auxiliaram a observação do fenômeno da publicação de fotografias antigas no aplicativo. Para dimensionar a importância dos recursos complementares à imagem na prática fotográfica em redes sociais, caracterizou-se os principais usos de legenda, *hashtags* e compartilhamento de fotografias após o detalhamento do funcionamento do aplicativo.

A partir de uma amostra de usuários do aplicativo Instagram foi possível analisar o uso da *hashtag* #tbt. Uma pesquisa qualitativa sem fim estatístico foi aplicada através de um questionário digital, englobando usuários que pudessem explicitar sua relação com a dinâmica do aplicativo e suas narrativas, dando preferência para aqueles que utilizam ou já utilizaram a *hashtag*. O questionário foi disseminado em redes sociais como o próprio Instagram, Facebook e Twitter. Para coletar informações sobre o uso da #tbt, foram feitas perguntas sobre frequência, quantidade, motivação, quais tipos de fotografias são publicadas, e, principalmente, questionamentos a respeito da relação dessas fotografias com a memória. Compreendendo o contexto em que a #tbt está inserida, juntamente com a resposta dos usuários ao questionário, pode-se, assim, obter dados para a análise do uso da *hashtag* no Instagram e seu vínculo com a memória.

A seção seguinte deste trabalho comporta um capítulo sobre a relação da fotografia e a memória, seguindo de um panorama das redes sociais digitais baseadas em imagens (capítulo 2), analisando formas de compartilhamento de imagens e estratégias adotadas para interação entre os usuários. Parte-se da rede social como “um conjunto de atores e suas relações” (RECUERO, 2009, p. 69). No mesmo capítulo é esboçado um quadro sobre o compartilhamento de memórias nas redes abordadas.

No capítulo 3, há uma análise aprofundada do aplicativo Instagram, seguido da caracterização do uso de metatexto, como legendas, geolocalização e *hashtags* no aplicativo e sua relação com a propagação de memórias. Após, (capítulo 4), apesar da pouca bibliografia a respeito da #tbt, desenvolve-se um estudo sobre a relação entre a *hashtag* e a memória no Instagram a partir dos dados da pesquisa aplicada em redes sociais digitais. Por fim, é apresentado um capítulo conclusivo a respeito dos dados colhidos, o compartilhamento de imagens antigas e a relação com memória no Instagram.

1. MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

Neste capítulo a análise partirá da relação constitutiva entre a fotografia e a memória através de um panorama sobre esse vínculo. Serão abordadas as mudanças desde o surgimento da fotografia analógica até a atual prática fotográfica em redes sociais, para, assim, analisar o compartilhamento de fotografias antigas nesses ambientes.

Apesar de cada transformação da fotografia possuir seu próprio contexto histórico, e que interfere na análise de cada fase, algo em comum é a foto como captura do que já aconteceu. Nesse sentido, toda fotografia amadora e doméstica é um signo representando um momento no passado, seja de hoje ou de 50 anos atrás. Suas características se modificaram desde seu surgimento no século XIX, como, por exemplo, a estética do preto e branco ao colorido, mas o objetivo permanece o mesmo: conservar a imagem e sua história. “A fotografia é vista por todos sempre como uma forma de registro, de guardar memórias” (BOONE, 2007, p. 15).

Uma das formas de se analisar a memória é a partir do viés social. Segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs, há dois tipos: individual e coletiva. As memórias coletivas remetem a sociedade, um grupo. Já as memórias individuais, por sua vez, coexistem e se inter cruzam com as coletivas, sendo indissociáveis e dinâmicas por modificarem-se à medida que são acessadas, servindo como “um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p.51). A fotografia, nesse sentido, por retratar o passado, encontra-se no nível individual, a partir do enquadramento de situações pessoais como aniversários e nascimentos, ao mesmo tempo que, com a presença de outros participantes, faz parte de diferentes contextos sociais, transpondo a lembrança de natureza pessoal a um acontecimento partilhado por um grupo.

Nesse sentido, tanto o objeto em si quanto o que está representado na foto evocam uma memória. Seja em um museu possuindo importância histórica e coletiva ou em um álbum caseiro ilustrando membros e acontecimentos familiares, “toda e qualquer fotografia, além de ser um resíduo do passado, é também um testemunho visual” (KOSSOY, 2001, p. 153). No entanto, diversos processos ocorrem entre a captura do referente e a foto, que vão desde a escolha de enquadramento à edição, capazes de interferir na interpretação da imagem final. Desmistifica-se, portanto, a fotografia como retrato fiel do real, uma vez que “as fotos são uma

interpretação do mundo” (SONTAG, 2004, p.10). É mais uma tentativa de conservar um momento específico do que capturá-lo em sua totalidade.

Fotografar significa congelar no tempo a nossa memória, atestar e perpetuar a nossa existência. (...) parar no tempo e no espaço algo que, para nós, tenha sido provavelmente importante ou simplesmente agradável, familiar, bonito, atraente (FELIZARDO, SAMAIN, 2007, p. 217)

Nesse sentido, a memória ao tentar revisitar o que passou (RICOUER, 2007), utiliza-se da fotografia, que armazena o passado (MESQUITA, 2011). “A fotografia é um modo de parar o tempo. Isso porque é praticada e utilizada com maior frequência como suporte da memória” (CURNIER, 1994 apud BOONE, 2007, p. 15).

A foto pode ser utilizada também tanto como um objeto para rememoração de acontecimentos experienciados quanto de acesso às situações não vividas. Estudado pela pesquisadora americana Marianne Hirsh, o conceito de pós-memória traz a ideia de uma memória de acontecimentos que não foram vividos, mas, lembrados de forma tão intensa através de fotografias ou relatos, acabam se transformando em memórias individuais e coletivas. Para Sontag (2004, p.9), “uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu”. O conceito se aplica principalmente quando essas imagens retratam acontecimentos históricos, como, por exemplo, o Holocausto na Alemanha ou a ditadura militar, ocorrida entre 1964 e 1985, no Brasil.

A conexão da pós-memória com o passado é, assim, mediada, não por lembrança, mas por investimento imaginativo, projeção e criação. Crescer com memórias hereditárias esmagadoras, ser dominado por narrativas que precederam o nascimento ou a consciência de alguém, é arriscar ter suas próprias histórias de vida deslocadas, até mesmo evacuadas, por nossos ancestrais. Ela deve ser moldada, ainda que indiretamente, por fragmentos traumáticos de eventos que ainda desafiam a reconstrução narrativa e excedem a compreensão. Esses eventos aconteceram no passado, mas seus efeitos continuam no presente. (HIRSH, 2012, p. 1) (Tradução nossa)³

Desde a superação do método daguerreotipista em 1858, a fotografia experimentou profundas transformações: da baixa e lenta produção, passou a funcionar à nível rápido e massivo; dos retratos em *carte de visite*⁴ ao surgimento da primeira câmera Kodak e seu

³ “*Postmemory’s connection to the past is thus actually mediated not by recall but by imaginative investment, projection, and creation. To grow up with overwhelming inherited memories, to be dominated by narratives that preceded one’s birth or one’s consciousness, is to risk having one’s own life stories displaced, even evacuated, by our ancestors. It is to be shaped, however indirectly, by traumatic fragments of events that still defy narrative reconstruction and exceed comprehension. These events happened in the past, but their effects continue into the present*”.

⁴ Criados pelo fotógrafo André Adolphe-Eugène Disdéri no século XIX, os *Cartes de visite* eram imagens trocadas entre amigos e familiares, sendo um dos movimentos percussores dos álbuns de fotografia.

discurso de praticidade. Essa democratização possibilitou apropriações de várias camadas sociais e incorporação em diversas práticas, como, por exemplo, registros de todos os tipos de configurações familiares e momentos especiais. Intimamente ligada à memória, à recordação autobiográfica e aos objetos afetivos, a fotografia doméstica se tornou comum com a massificação das câmeras Kodak. Como afirmam Lemos e Pastor, “o surgimento e uso desse novo tipo de fotografia gera uma nova composição social, especialmente no âmbito familiar e do amadorismo” (LEMOS; PASTOR, 2016, p. 111).

Essas imagens, estampadas em álbuns de retratos, evocam recordações de acontecimentos vividos, além de narrarem a história da família através de retratos da infância, de parentes já falecidos, casamentos, etc., dispostas, geralmente, em ordem cronológica. No contexto das câmeras analógicas, as imagens eram muitas vezes destinadas a momentos solenes. O limite no número de exposições nos filmes e o processo de revelação impunham ao usuário a escolha atenta e seletiva do que capturar. Sobre isso, Bourdieu (1965) afirma que não há nada que estabeleça mais uma confiança do que um álbum familiar.

Todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo são banidas e o passado comum ou, se se quiser, o mais pequeno denominador comum do passado tem o brilho quase presunçoso de monumento funerário frequentado assiduamente. (BOURDIEU, 1965 apud FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p.213)

A fotografia de turismo também possuía seu espaço nos álbuns de família, tendo sido incentivada pela Kodak⁵. As viagens a pontos turísticos e outros lugares especiais eram capturados e contribuíam para a construção das histórias da família e sua memória. Nesse sentido, André Gunthert aponta para o seu interesse em capturar o sentimento vivido ao visitar o Rio de Janeiro pela primeira vez. O que ele buscava não era apenas uma imagem, “mas uma lembrança, não um documento, mas um monumento - uma relíquia daquele instante precioso” (GUNTHERT, 2012, p. 29). Sontag reitera essa posição: “pouca importância têm as atividades que são fotografadas, contanto que se tirem fotografias e que essas sirvam de lembranças” (SONTAG, 1977, p.11). A fotografia de turismo, nesse sentido, tem por principal função constituir um testemunho de presença (GUNTHERT, 2012).

As câmeras analógicas começaram a competir espaço no mercado com a tecnologia digital a partir da década de 1990, mas a fotografia como intenção de capturar um momento se conservou. Se na fotografia analógica as capturas eram limitadas pelo custo do filme e da

⁵ “A Kodak pôs placas na entrada de muitas cidades com uma lista do que fotografar” (SONTAG, 2004, p.41)

revelação, a massificação das câmeras digitais, sem esses custos, possibilitou um maior acesso à prática fotográfica. O desenvolvimento da fotografia, portanto, caminha em paralelo às transformações na cultura visual e nas práticas cotidianas da cultura digital. Além da fotografia digital permitir a visualização da imagem capturada, possuir controle na produção e na distribuição da imagem, a unidade da formação da imagem digital é o pixel, correspondente ao negativo na era analógica, que envolvia processos químicos e incidência de luz. “A tecnologia digital proporcionou não apenas uma nova forma de processo fotográfico como, também, uma mudança radical na definição de fotografia” (LEMOS; PASTOR, 2016, p.112).

Nesse sentido, desde os anos 1990, diversos aparatos tecnológicos utilizados para o armazenamento de fotografias digitais surgiram e caíram em desuso, como o Pen Drive e o CD-R, dando lugar à novas formas, como a Nuvem⁶, incluindo aí o armazenamento em redes sociais digitais, como o Flickr e o Facebook⁷, por exemplo. Como explica Gunthert, “é incontestável que a produção e a estocagem digital, reduzindo consideravelmente os custos, favorecem a multiplicação das imagens capturadas, como a de todos os conteúdos digitais” (GUNTHERT, 2012, p. 35). O antigo costume de revelar fotos e guardar em álbuns é substituído por armazenar as imagens digitais em espaços móveis e de fácil acesso, apesar de não seguir a linearidade proposta nos álbuns.

Pode-se associar, nesse sentido, o contraste entre a seletividade da memória humana e a infinitude da memória digital. A medida que não há um controle sobre o que é lembrado, é preciso esquecer para que novas informações sejam adquiridas, obedecendo a processos psíquicos e afetivos (MORIN, 2006). Por outro lado, a facilidade atual de fotografar tudo a qualquer momento, armazenar e distribuir, proporcionou um acúmulo de imagens do passado que, somente pelo fato de estarem registradas e estocadas, nos mantém seguros em relação a nossa memória (BAUDRILLARD, 2006). É como se, ao alcance da mão, todas as situações vividas e registradas pudessem ser rememoradas.

Essa rememoração se faz presente cada vez mais nas redes sociais digitais, diretamente ligadas a fotografia digital e a expansão da internet. Na mesma medida, a popularização dos smartphones e tablets, e, conseqüentemente, das fotos tiradas com esses dispositivos, dinamizou

⁶ O conceito de *cloud computing* refere-se à utilização da capacidade de armazenamento entre computadores e servidores compartilhados e interligados por meio da Internet. “Computação em nuvem é uma tendência recente de tecnologia que tem por objetivo proporcionar serviços de tecnologia da Informação sob demanda com pagamento baseado no uso” (RUSCHEL, ZANOTTO, MOTA, 2010, p. 2)

⁷ Essas redes serão abordadas no próximo capítulo.

ainda mais a relação com a fotografia. Esta amplia a sua capacidade comunicativa pela facilidade de captura e compartilhamento. Assim, a facilidade em fotografar e rapidamente compartilhar, torna visível que

embora a uma escala diferente, o papel da fotografia como mediadora de relações sociais, comunicando experiências e produzindo vida social, tem estado sempre presente. Porque se a fotografia analógica pessoal e doméstica foi tradicionalmente conceptualizada como uma narrativa cronológica e uma tecnologia da memória associada à família, ela sempre foi, no entanto, profundamente relacional e emotiva, e um espaço para a interação e comunicação humanas, bem como para a formação da identidade. (MOTA, 2014, p.282)

Nesse contexto, surgem diversos estilos fotográficos cada vez mais específicos. Lev Manovich classifica como *casual photos* as imagens capturadas do cotidiano sem função estética. Segundo ele, o conteúdo e o propósito são mais importantes do que a preocupação com regras e estética da fotografia, ocasionando produção e aceitação de imagens de todos os jeitos. *Casual photos* “segue outro conjunto de imagens populares e convenções sociais que definem o que vale a pena documentar, e como diferentes assuntos devem ser fotografados” (MANOVICH, 2016, tradução nossa, p. 16)⁸. O autor delimita, após mapear os estilos de fotografias mais comuns no aplicativo, outros dois tipos de imagens presentes no Instagram, diferenciando-as visualmente: *professional* e *designed*, categorias de fotos profissionais, seguindo as regras da fotografia e, principalmente, na última categoria, a estética. No entanto, um usuário pode ter esses três ou mais tipos de fotografias em seu perfil.

Essas produções fotográficas transcendem cada vez mais o círculo doméstico e privado, quando compartilhadas em diferentes redes digitais. Ao contrário da evocação de um momento ou a perpetuação de um acontecimento, as fotografias em redes sociais buscam cada vez uma apresentação do indivíduo e uma criação, além de fortalecimento, de laços sociais. “A fotografia se tornou uma prática performativa mais ligada ao “agora” e à “banalidade comum”, do que associada a traços nostálgicos da memória” (PETERSEN, 2008 apud MOTA, 2014, p. 281).

No entanto, essa “banalidade do comum” não anula a relação dessas fotografias com a memória e o passado. O ato de compartilhar imagens não é em si algo novo, a exemplo dos álbuns de retratos que eram mostrados para familiares e pessoas próximas. A diferença é que na rede social digital o compartilhamento adquire proporções planetárias e ultrapassa limites do espaço pessoal, entrando em discussão a relação sobre quem olha a imagem. Diferente da

⁸ “They do follow another set of popular image making and social conventions that define what is worth documenting, and how different subjects should be photographed” (MANOVICH, 2016)

família, que possui proximidade e laços afetivos, nas redes sociais digitais pode-se ter nos círculos de interação pessoas desconhecidas, sem qualquer tipo de proximidade.

Nesse sentido, “o objecto fotográfico nada evoca sem a participação de um olhar mobilizado.” (BALTAZAR, 2009 apud MENDES, 2012, p. 31). Mais do que isso, as lembranças não podem ser compartilhadas em sua totalidade porque são inerentes a quem lembra e sente. “Não podemos compartilhar uma lembrança assim como não podemos compartilhar uma dor” (LOWTHALL, 1998, p. 79). O que se tenta compartilhar, com pessoas próximas ou desconhecidas, é um fragmento, um resquício da lembrança ancorado na fotografia, como tentativa de mobilizar e externar o sentimento. Nesse contexto, a lembrança compartilhada, ainda que parcialmente, é necessária pois as lembranças de outras pessoas confirmam as nossas próprias.

Ao contrário dos sonhos que são absolutamente particulares, as lembranças são continuamente complementadas pelas dos outros. Partilhar e validar lembranças torna-as mais nítidas e estimulam sua emergência (LOWTHALL, 1998, p. 81)

Para que a fotografia com caráter de memória seja reconhecida como tal nas redes digitais é preciso que seja contextualizada, configurando-se “como uma prática de escrita, descrição e interação através de símbolos, textos e narrativas construídas conjuntamente com a imagem” (LEMOIS; PASTOR, 2018, p.17). Isso não é muito diferente da narração de histórias por familiares que aconteciam simultaneamente ao passar das páginas do álbum de retratos e exibição das fotografias.

o que podemos ver nas redes sociais, imenso corpus de visibilidade voluntariosa, não é nada mais do que a ponta do iceberg - a imagem selecionada e teatralizada do álbum, aquela a partir da qual sempre se construiu a abordagem fotográfica privada (GUNTHER, 2012, p.34)

Mais do que isso, a fotografia digital, introduzida nas práticas sociais, ressignifica a relação entre a fotografia e o tempo: hoje se fotografa tudo a qualquer hora e lugar. Seu uso pode estar em processo de modificação, uma vez que nada na rede é estático, mas a rememoração através das imagens é um fator que ainda permanece. Nesse sentido, as pessoas colecionam pedaços estáticos do passado através das fotografias para recordar, a qualquer instante, momentos de sua vida.

Apreciando essas imagens, ‘descongelam’ momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou o retratista têm sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o start da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções. (KOSSOY, 1999, p.138 apud MENDES, 2014, p. 43)

Dessa maneira, as fotografias antigas em redes sociais não representam necessariamente uma ruptura com o caráter de memória, igualmente presente nos álbuns de retrato. Bolter e Grusin (1999) defendem que os novos meios de comunicação renovam as características dos anteriores, permanecendo desta forma uma ligação entre atuais e antigas mídias. Denominado “remediação”, esse processo é a “renovação de velhos conteúdos efetuado pelos novos meios” (BOLTER; GRUSIN, 1999 apud CANVAVILHAS, 2012, p.9). Nesse contexto, as fotografias dispostas em galerias e perfis das redes sociais podem ser consideradas como uma nova representação dos álbuns analógicos. No entanto, levando em conta o conceito de remediação proposto por Bolter e Grusin, não são desconsideradas as lógicas das redes sociais e sua influência na prática fotográfica atual, nem é afirmado que o costume de compartilhar fragmentos do passado mudou apenas de suporte. “De fato, os álbuns passam a funcionar segundo uma nova lógica instaurada pelo virtual, mas também carregam uma maneira de funcionamento própria do analógico (que contamina, inclusive, a lógica virtual)” (CRUZ; MOREIRA, 2011, p. 15).

As mudanças na fotografia em decorrência do surgimento dos meios digitais interferem na relação dessas fotos com a memória. É possível conceber a prática fotográfica atual nesse viés do que é considerado passado? Pode-se pensar a fotografia hoje, como algo que dura? Ou a cultura digital ressignificou o caráter de memória criando novas expressões de temporalidade fotográfica? Dessa forma, esta monografia busca entender a relação entre a lógica efêmera própria da rede social digital Instagram e a atribuição, pelos usuários, de teor memorístico às fotografias. Para isso, faz-se necessário retomar discussões sobre o passado, fotografia e memória. Nesse sentido, o passado, para Butterfiel (1924 apud LOWTHALL, 1998) refere-se tanto ao âmbito histórico quando ao da memória:

seus cenários e experiências antecedem nossas próprias vidas, mas o que já lemos, ouvimos e reiteramos tornam-se também parte de nossas lembranças. Na verdade, temos consciência do passado como um âmbito que coexiste com o presente ao mesmo tempo que se distingue dele. O que os une é nossa percepção amplamente inconsciente da vida orgânica; o que os separa é a nossa autoconsciência - o pensar sobre nossas memórias, sobre história, sobre a idade das coisas que nos rodeiam. (LOWTHALL, 1998, p. 65).

Aliado a essas novas tecnologias, a posição do sujeito como produtor de conteúdo sobre si mesmo, e o consumo disso por outras pessoas, remete aos princípios da cibercultura, compreendida como uma nova forma sociocultural surgida a partir da relação entre cultura, novas tecnologias e sociedade. Qualquer um “pode produzir e publicar informação em tempo

real, sob diversos formatos e modulações, adicionar e colaborar em rede com outros” (LE MOS, 2004, p.39).

A facilidade em fotografar e o grande volume de imagens fazem surgir um novo tipo de memória: a memória do presente (VIRILIO, 2006). Nesse contexto, analisar as mudanças trazidas pelas novas tecnologias nessa relação se mostra interessante. As imagens digitais atuam como uma lente de aumento nas redes sociais a medida que, a partir da captura e compartilhamento instantâneo, atrela-se ao momento vivido.

A sociedade contemporânea tem medo de esquecer, ao mesmo tempo em que é marcada pelo esquecimento. E como consequência vem desenvolvendo tecnologias, práticas e dinâmicas, impulsionadas não só pela tentativa de evitar o esquecimento, mas também pelas diversas formas, espaços e suportes possíveis de se rememorar na atualidade (CRUZ; MOREIRA, 2011, pg.8)

2. REDES SOCIAIS

As redes sociais digitais são sistemas que permitem interação, exposição e a construção de uma pessoa através de um perfil ou página pessoais (BOYD e ELLISON, 2007 apud RECUERO, 2009). No geral, são abastecidas com forma de expressões que criam uma ligação com o outro. Essas conexões são definidas por Recuero como laços, sendo “a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações” (RECUERO, 2009, p. 3).

A intenção neste capítulo é analisar as estratégias de fixação de memória em cada rede social apontada, observando seu uso e relação com a fotografia, servindo de base para a observação do compartilhamento de imagens antigas no Instagram⁹. As redes sociais baseadas em imagens surgiram com a massificação das câmeras digitais e a difusão da internet. Hoje, o celular e a internet móvel adicionaram às práticas de compartilhamento de imagens e construções de narrativas sobre si rapidez e praticidade, como abordadas no capítulo anterior.

A preferência se deu por sites e aplicativos que se autodenominam redes sociais e a ordem de apresentação é cronológica. Serão analisados¹⁰ os seguintes sites: Fotolog, Flickr, Facebook e Snapchat. Apesar do Facebook não ser propriamente um site de compartilhamento de imagens, os recursos de interação utilizados se mostram interessantes para a análise sobre a memória e fotografia em redes sociais. Além disso, hoje o Facebook é a maior rede social digital¹¹.

Fotolog - Criado em 2002 por Scott Heiferman e Adam Seife, o Fotolog é uma das primeiras¹² redes sociais digitais exclusivas para o compartilhamento de imagens, contando, em abril de 2018¹³ com, em média, 22 milhões de contas ativas. Para Recuero, o Fotolog não é apenas um site de fotografia, mais do que isso, trata-se de “um espaço que permite a criação e a manutenção de laços sociais que vão conectar atores sociais, ou seja, de redes sociais” (RECUERO, 2008, p. 37).

⁹ A análise sobre o Instagram, que é o ambiente principal desta monografia, virá no próximo capítulo, pois particularidades do aplicativo serão exploradas de forma mais minuciosa.

¹⁰ Apesar do Snapchat e Facebook terem surgido após o Instagram, serão abordados primeiro.

¹¹ Com 127 milhões de usuários ativos no Brasil, o Facebook é considerado a rede social mais utilizada no país.

¹² < <https://canaltech.com.br/redes-sociais/dia-das-midias-sociais-historia-e-evolucao-a-servico-da-comu-nicacao-71615/> > Acesso em out.2018

¹³ < <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/04/antes-do-instagram-relembre-as-redes-sociais-de-fotos-dos-anos-2000.ghml> > Acesso em out.2018

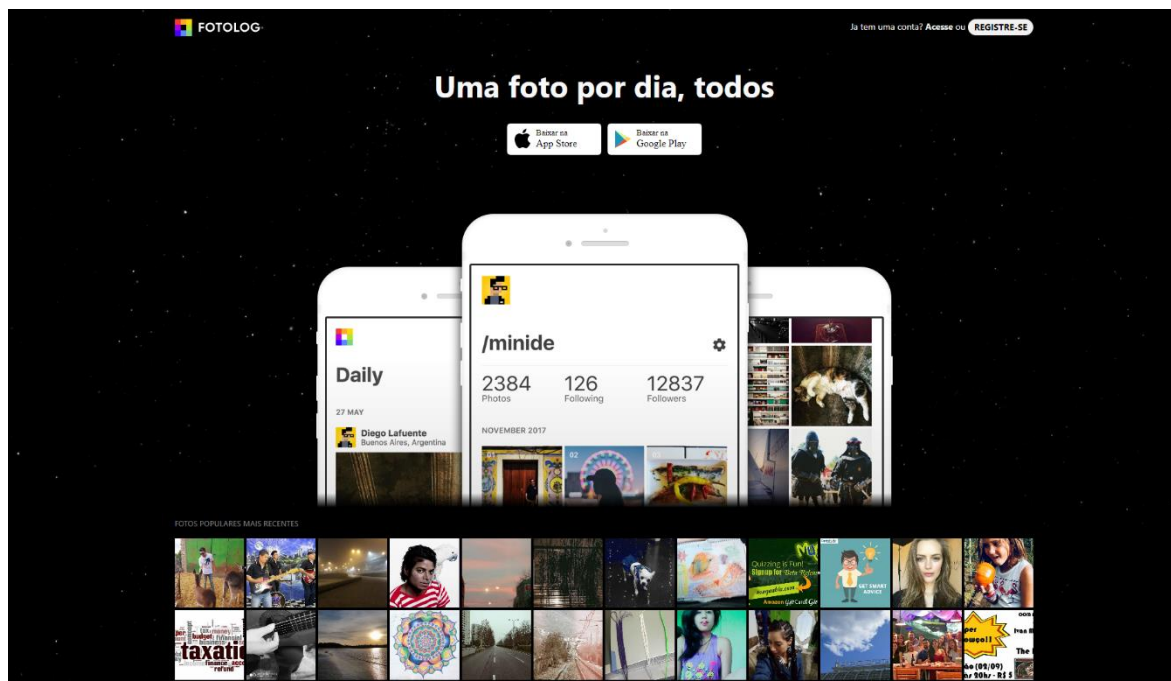


Figura 1 - Página inicial do site do Fotolog para não cadastrados
Fonte: Acervo Pessoal

Com o formato de flog¹⁴, o site possui a proposta de diário *online*, onde a imagem compartilhada vem, na maior parte das vezes, acompanhada de uma legenda explicativa. O uso de *hashtags* também é comum para facilitar a localização de publicações a partir do assunto inserido nas palavras-chave.

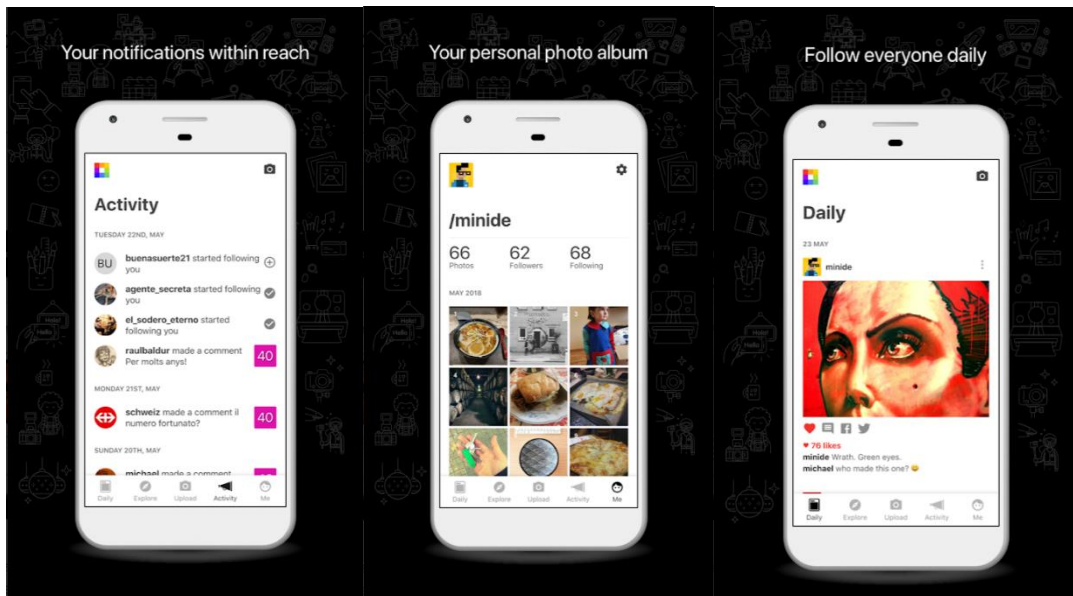
Nos primeiros anos eram disponibilizados dois tipos de contas: a gratuita e a *Gold*. Na primeira, era possível compartilhar somente uma imagem por dia e o usuário possuía o limite de 20 comentários. Na segunda, que custava, em 2016¹⁵, €3, era permitido seis fotos por dia e os comentários eram ilimitados. Segundo a empresa, o limite de compartilhamento era necessário para que o site não travasse com o bombardeamento de imagens.

Após um período de inatividade, o Fotolog foi comprado em 2018 por uma companhia espanhola com a proposta de se tornar concorrente dos aplicativos e sites baseados em fotografias instantâneas, como o Instagram. A rede social, além da versão *web*, lançou, no mesmo ano, um aplicativo (figura 2) para Android e IOS, disponível na AppStore e PlayStore, serviços de download de aplicativos para os respectivos sistemas. O serviço não possui a opção de personalização de cor de fundo, letras ou inclusão de um cabeçalho como antigamente e não

¹⁴ O flog possui a dinâmica parecida com a de um blog, comum nos anos 2000. Ao invés de serem usados textos para narração do dia-a-dia, no flog são as imagens que narram os acontecimentos, seja em ordem cronológica ou sem ordem, de acordo com o autor.

¹⁵ < <https://gizmodo.uol.com.br/fotolog-volta-ao-ar/> > Acesso em out.2018

oferece opções de inclusão de filtros, recorte de imagem ou ajustes, como também não suporta o compartilhamento de vídeos ou GIFS.



*Figura 2 - Apresentação do aplicativo
Fonte: Fotolog*

Os novos administradores mantiveram o antigo limite de uma imagem compartilhada por dia, mas com motivação diferente:

queremos acabar com o excesso de publicações que pressiona a busca pela validação de outros e, em vez disso, queremos ajudar na apreciação de cada momento que represente o melhor (ou o pior) do seu dia (FOTOLOG, 2018)

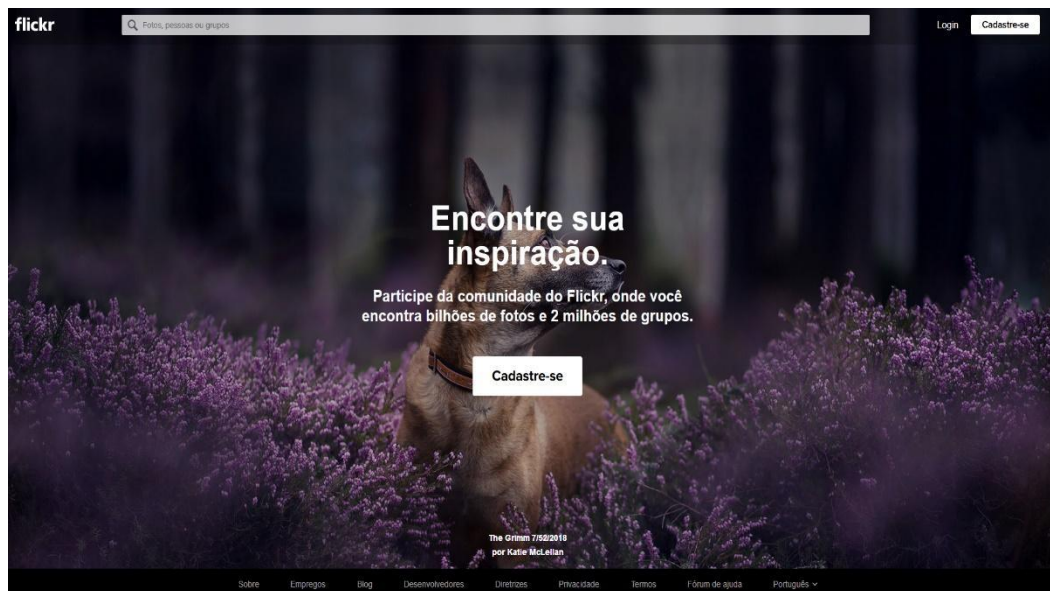
Dessa maneira, ao impor ao usuário um limite de compartilhamento, a escolha sobre qual fotografia será postada acaba sendo mais minuciosa. Somente um momento poderá ser adicionado à linha do tempo diariamente, possibilitando uma fixação de memória que poderá ser acessada posterior e cronologicamente. A intenção é criar uma rede semelhante à um diário biográfico, remontando, a partir das fotografias, o cotidiano do usuário.

A semelhança com os diários biográficos permite identificar uma tentativa de propagação da memória através da fotografia e da legenda embutida nas publicações. Nesse sentido, para análise aprofundada dessa rede social em específico, é necessário levar em conta essa semelhança e adesão dos usuários à prática. O que é possível observar superficialmente, no entanto, é o cruzamento entre a dinâmica das redes sociais – onde publicações podem ser

feitas diariamente buscando interações entre os usuários, com a cronologia dos álbuns de retratos, no que diz respeito à seleção dos registros anexados.

Diferente de outras redes sociais como Instagram e Facebook, o Fotolog pode ser visto como um calendário pessoal¹⁶. Além da constante atualização e interação, o fato de um momento por dia ser compartilhado, remete ao esquecimento – quando todos os outros acontecimentos do dia não são vistos – e à memória, à medida que esses registros podem ser acessados posteriormente remontando um período da vida de quem usa.

Flickr- O Flickr é um site de hospedagem e compartilhamento de imagens como fotografia, vídeo, ilustrações e desenhos, criado em 2002 pela Ludicorp, empresa canadense. Vendido em 2005 para a Yahoo! por US\$ 35 milhões, foi durante 15 anos o serviço oficial de imagens da empresa americana.



*Figura 3 - Página inicial do Flickr para não cadastrados
Fonte: Acervo pessoal*

A partir do armazenamento, classificação e compartilhamento de imagens, o Flickr propõe unir usuários que têm em comum o gosto pela fotografia. A fixação das imagens se dá

¹⁶ “Construímos um calendário pessoal que se preenche diariamente com as publicações, deste jeito cada um pode ver o seu perfil e o dos outros a longo-prazo e não apenas acontecimentos recentes”. Fonte: Fotolog.com.

através de álbuns, permitindo que o usuário os agrupe em coleções e os denomine a seu próprio gosto.

Assim como a rede social anterior, o Flickr possui dois tipos de conta: gratuita e paga, denominada de FlickrPro. Na sem custos, o usuário pode fazer o *upload* gratuito de até 200 fotos e organizá-las em apenas três álbuns. No FlickrPro, além de não haver limite de compartilhamento, são disponibilizadas para o usuário estatísticas de visitas ao perfil e acesso às imagens, descontos em pacotes de edição de foto e as publicidades são retiradas durante a navegação no site. Porém, diferente do Fotolog, o Flickr permite edição após o *upload* da imagem.

Pode-se adicionar descrições às fotografias e classificá-las a partir de *hashtags* (figura 4) propostas pelo próprio site ou criadas pelos usuários, facilitando a interação com outras contas. Há também a opção de definir o local onde foram tiradas, permitindo a anexação em um “Mapa-Múndi” disponível no site para visualização (figura 5).

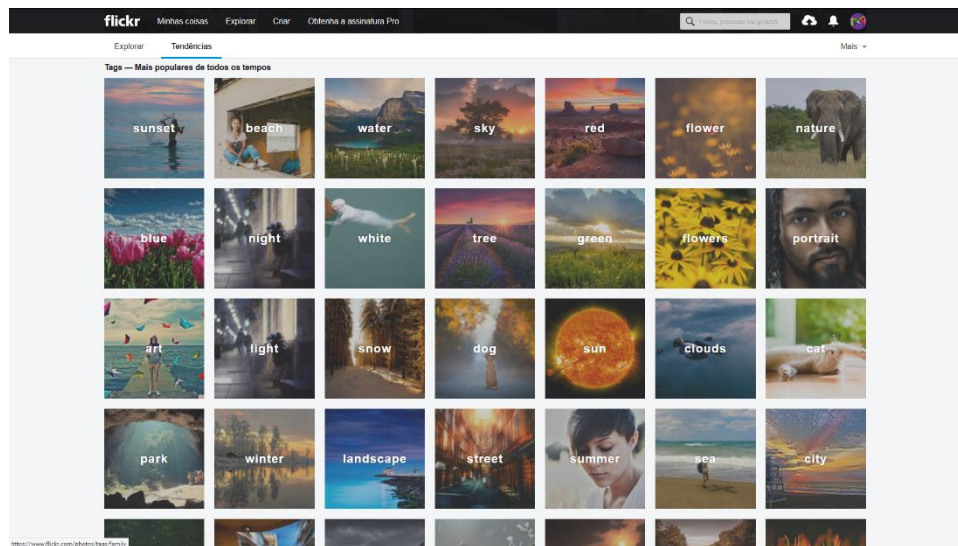


Figura 4- Aba tendências do Flickr mostrando as *hashtags* mais utilizadas no site
Fonte: Acervo Pessoal

Pela proposta de catalogar as imagens, através das *hashtags* ou geolocalização, o Flickr é bastante utilizado por aspirantes ou fotógrafos. As relações entre os usuários podem se constituir também através de curtidas e comentários nas fotos, além da possibilidade de os perfis serem seguidos.

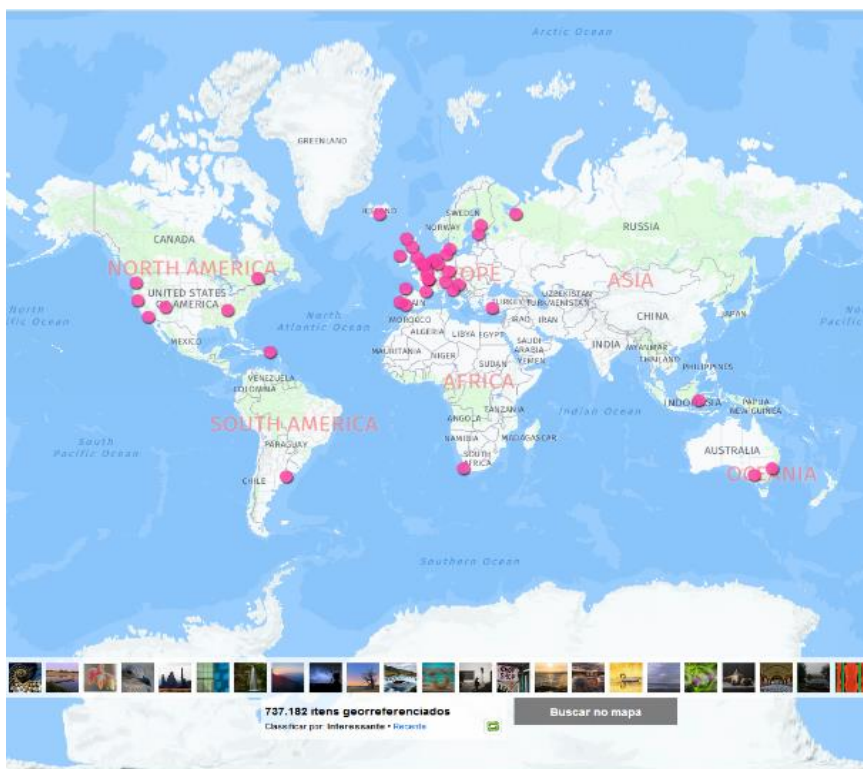


Figura 5¹⁷ - “Mapa-Múndi”

Fonte: Acervo Pessoal

Em 2018¹⁸, o site foi vendido para a startup americana SmugMug, mas manteve seu funcionamento como antes. A *startup* pretende coletar ideias dos usuários e empregados antes de promover qualquer mudança na empresa. “O Flickr tem uma comunidade incrível cheia de fotógrafos apaixonados. Ele passou por altos e baixos e faz parte do tecido nuclear da internet”, relembra¹⁹ o presidente executivo, Don McAskill, ao jornal USA Today.

Diferente de outras redes sociais, o site funciona também como plataforma armazenadora de conteúdo, disponibilizando 1 *terabyte* gratuitamente para os usuários que queiram “guardar” as imagens em álbuns. Assim, a opção de catalogar as imagens a partir das *hashtags*, possibilita uma facilidade maior em encontrar determinadas fotos através do assunto adicionado.

Apesar dessa rede social, especificamente, não possuir a preocupação com o compartilhamento de momentos solenes e importantes da vida, movimentos surgidos, em sua

¹⁷ Acesso em agosto de 2018

¹⁸ Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,site-de-fotos-flickr-pode-ganhar-nova-vida-apos-ser-comprado-por-startup,70002277459>>. Acesso: 15 ago. 2018.

¹⁹ Fonte: <<https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,site-de-fotos-flickr-pode-ganhar-nova-vida-apos-ser-comprado-por-startup,70002277459>> Acesso: 17 nov. 2018

maioria espontâneos, onde fotografias antigas que remetem à memória são compartilhadas, não se anulam. O Flickr permite uma vasta opção de uso, como armazenar imagens, compartilhar, interagir, permitindo até a recriação de um álbum familiar. Nesse sentido,

coleccionar a representação do mundo através de imagens fotográficas e pensar a experiência através da mediação fotográfica permite-nos aproximar elementos que marcam a construção dessas outras realidades e das subjetividades (CRUZ; MOREIRA, 2011, p. 16)

Facebook – Criado em 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, o Facebook é a maior rede social existente²⁰. Possibilitando o contato com o outro através do compartilhamento de imagens, textos e links, a rede tem como objetivo “dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo”²¹. Apesar de se tratar de uma rede social complexa, será abordada aqui a nível introdutório de modo que possa ser observado a relação com a memória.

Figura 6 - Página Inicial do Facebook para não cadastrados
Fonte: Acervo Pessoal

²⁰ Fonte: < <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-chega-a-2-13-bilhoes-de-usuarios-em-todo-o-mundo,70002173062> > Acesso: 20 ago. 2018

²¹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/> >. Acesso: 20 ago. 2018

O FaceMach, protótipo antecessor ao The Facebook e, posteriormente, Facebook, tinha como intenção ser utilizado para classificar as estudantes da Universidade de Harvard entre sexualmente atrativas ou não. Apesar do início sexista, a rede social modificou seu funcionamento, além de ultrapassar o limite de uso somente de dentro da Universidade para o mundo. Com o slogan “*você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida*”, possui atualmente 127 milhões²² de usuários no Brasil.

O acesso ao Facebook se dá através da criação de um perfil no site. Informações como nome, sobrenome e data de nascimento são pedidos para o cadastro, além da adesão de uma foto de perfil para identificação. A personalização do perfil é uma marca forte na rede social, onde gosto musical, cinematográfico e literário podem ser adicionados para aumentar ainda mais as informações sobre o usuário.

Apesar de não possuir o compartilhamento de fotografias como principal em suas publicações, em fevereiro de 2011 o Facebook se tornou o maior servidor de fotos online²³. Organizadas em álbuns ou distribuídas pela *timeline*, as imagens estão bastante presentes nessa rede social, aparecendo em fotos de perfil, capa, destaque no perfil do usuário, além de circularem em postagens e compartilhamentos.

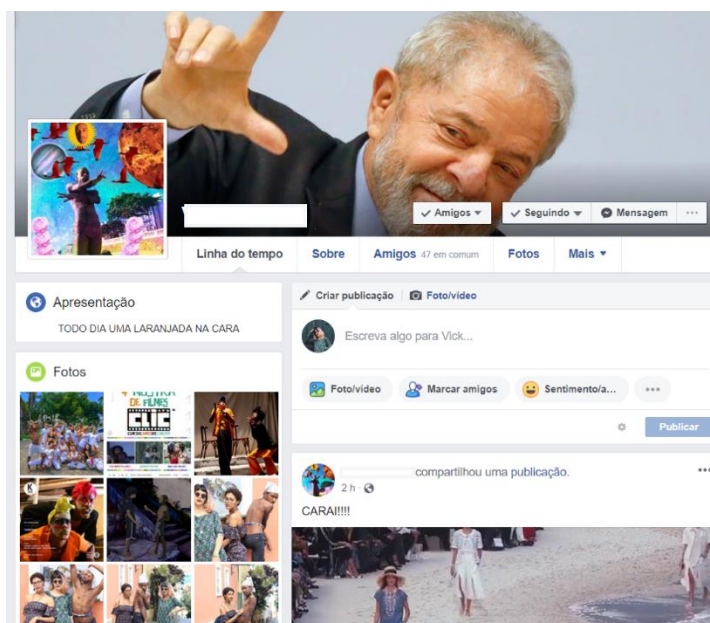


Figura 7 – Perfil no Facebook.
Fonte: Acervo pessoal

²²Dados retirados da Agência Brasil. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-07/facebook-chega-127-milhoes-de-usuarios-no-brasil>. > Acesso: 20 ago. 2018

²³ < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook> >. Acesso: 21 ago. 2018

Os álbuns podem ser personalizados pelo próprio usuário, que, por sua vez, pode adicionar qualquer tipo de imagem. Além disso, a privacidade também pode variar de acordo com a vontade de quem posta. Há opções para somente amigos específicos, todos os amigos, esconder de alguns, visível apenas para o próprio usuário, ou público, disponível para qualquer pessoa conectada à rede. Com essa última, é possível também utilizar a plataforma da rede social para guardar fotos mesmo sem intenção de serem vistas, servindo também como uma vez que se pode fazer publicações em modo privado.

Ademais, o Facebook possui recursos que trazem à tona postagens antigas. Com o nome de “lembranças” (figura 8), o recurso organiza em uma página todas as publicações feitas naquela mesma data em anos anteriores. Os conteúdos retomados nessa página são trazidos pelo algoritmo do Facebook, sem que o usuário tenha controle. No entanto, pode-se escolher ser notificado sobre essas publicações, além de poder retirar pessoas ou acontecimentos que trazem lembranças ruins. Aniversários de amizades também são lembrados pela rede social, onde pequenos vídeos, contendo fotos e publicações dos dois amigos interagindo, são disponibilizados pelo próprio Facebook.



Figura 8 - Lembranças e Celebração de Aniversário
Fonte: Acervo Pessoal

Em 2017, um novo recurso foi adicionado ao Facebook. Permitindo o compartilhamento de foto e vídeo, o Facebook Stories possui a dinâmica de fixação de arquivo durante 24h. Localizado no topo da rede social (figura 9), seja na versão web ou móvel, o recurso permite edição e uso de filtros temáticos (figura 10).



Figura 9 - Apresentação do Facebook Stories
 Fonte: <https://bit.ly/2OwSSgy>



Figura 10 - Filtros temáticos da rede social
 Fonte: <https://bit.ly/2OwSSgy>

Falar sobre o passado aprimora o contato com o outro, à medida que mais informações sobre o próprio usuário são partilhadas e constroem, assim, um perfil cada vez mais parecido com a pessoa por trás da tela. Recurso como *Lembranças* do Facebook são adicionados às

práticas em rede, contemplando a vontade em compartilhar momentos que já passaram e, por vezes, de retomar antigas sensações. Nesse sentido, para Henriques e Rabello (2013)

o Facebook está adquirindo um perfil de uma grande enciclopédia de histórias e memórias, memória do momento presente e memória dos momentos passados. Seria uma espécie de museu de si mesmo (p. 61).

Snapchat - O Snapchat é um aplicativo de compartilhamento de imagens desenvolvido para uso exclusivo em dispositivos móveis. Criado por Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown em 2011, o diferencial nessa rede é o tempo de armazenamento das imagens publicadas.

No aplicativo há duas formas de compartilhar imagens: no Chat e na História (figura 11). O primeiro espaço serve para a troca de mensagens de texto, fotos, vídeos, chamadas de voz e videoconferências individuais entre os usuários. Todo o compartilhamento através do chat é privado e as imagens ficavam disponíveis, no início, durante alguns segundos após visualizadas.

Hoje o usuário pode decidir quanto tempo a imagem pode ficar disponível, podendo ser exibida permanentemente. Na História, o conteúdo publicado – vídeos com no máximo 10 segundos de duração e fotos - pode ser visto de forma cronológica por todos os seguidores do perfil. Nessa modalidade, as imagens são fixadas no máximo durante 24h, se o usuário assim decidir.

Inaugura-se, nessa rede social²⁴, uma nova modalidade e relação com as fotografias, afetando diretamente o caráter de memória dessas imagens. Não sendo feitas para durar, a presentificação dos registros e a urgência em esquecer cria uma estética de fotografia cada vez mais presente, distanciando-se da tentativa de perpetuar memórias a longo prazo. É como se, mesmo sido registrado há horas, o acontecimento ilustrado na imagem acabasse de acontecer. Como afirma Casadei (2009), “cada evento narrado é alongado indefinidamente, como se ele tivesse a potencialidade de (re)acontecer a todo o momento” (p.18). Diferente das outras redes sociais abordadas, o Snapchat recria a dinâmica de compartilhamento de imagens e traz novas funções para os registros.

²⁴ Apesar do Facebook Stories ser mencionado anteriormente, o recurso só foi adicionado ao Facebook após a existência e popularização do método de compartilhar imagens que expiram após 24h, surgido com o Snapchat.

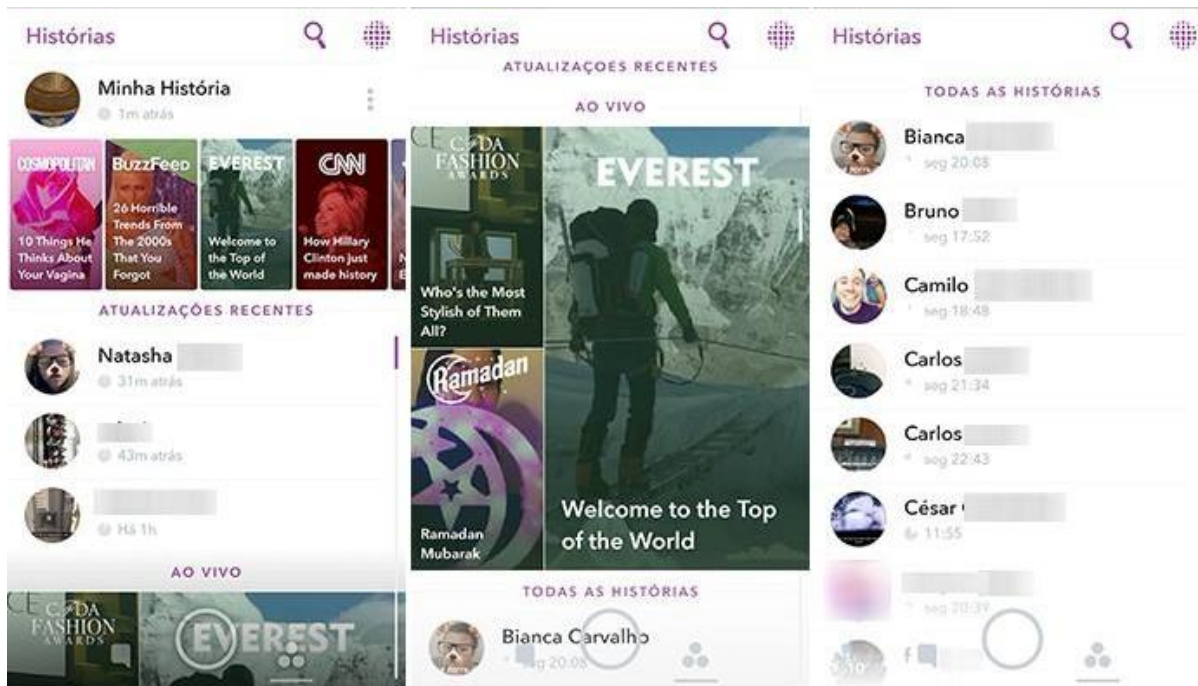


Figura 11 - Apresentação do Snapchat
 Fonte: <https://glo.bo/2C3LMun>

Outra novidade trazida com o aplicativo é a forma de manipulação da imagem (figura 12). Diferentes efeitos são disponibilizados para os usuários como máscaras animadas, mudanças de voz e luzes e nos vídeos pode-se acelerar ou diminuir a velocidade. Todos esses efeitos são escolhidos antes da captura dos registros, que são produzidos dentro do próprio aplicativo.



Figura 12 - Efeitos "Vomitando arco-íris" e "Assustador"
 Fonte: <https://glo.bo/2N7Iuuq>

Ao concentrar na câmera de captura do aplicativo essa produção fotográfica, uma vez que não é permitido aplicação desses efeitos em imagens já produzidas, a relação entre captura

e compartilhamento de fotografia se acentua nesse aplicativo pois a manipulação da foto é feita simultaneamente ao registro. O “aqui e agora” é compartilhado por haver uma facilidade maior em produzir e compartilhar. O Snapchat possui também dois outros recursos: “Histórias ao vivo” (figura 11) e “Discover” (figura 11). Nesse último concentram-se conteúdos disponibilizados por empresas e veículos comunicacionais. No primeiro, como uma espécie de curadoria do próprio aplicativo, são mostrados vídeos de usuários a respeito de um evento ou assunto específico.

O quadro abaixo traz um apanhado das redes abordadas e suas principais características. Apesar de todas as redes sociais apresentadas anteriormente serem baseadas em fotografias, com exceção do Facebook, o uso da imagem em cada uma é modificado a partir de sua proposta. Mesmo não aprofundadas deste trabalho, as particularidades dessas redes abrem caminhos para diversas observações sobre a fotografia digital e ambientes digitais como, por exemplo, o crescente uso das câmeras dos smartphones ou surgimento de aplicativos que dinamizam a relação entre a fotografia e armazenamento, como a fixação de 24h do Snapchat e Facebook Stories. No entanto, o interesse desta monografia volta-se para estratégias de compartilhamento de fotografias antigas.

Nome	Forma de fixação da fotografia	Interação	Edição da imagem²⁵	Relação com memória²⁶	Versão
Fotolog	Perfil	Curtidas e comentários	Não	Limite de compartilhamento: construção de um calendário pessoal	Web/ Móvel
Flickr	Álbuns e coleções	Curtidas e comentários	Não	Coleções de imagens: recordação a partir	Web/ Móvel

²⁵ São considerados edições como aplicações de filtros, ajuste de enquadramento, luz, contraste, etc.

²⁶ Para além da relação existente entre a fotografia e o passado, afinal, a fotografia pode representar o que passou, o que interessa é como os recursos disponíveis nas redes aproximam publicações às memórias.

				de grande número de fotos	
Facebook	Perfil e álbuns	Curtidas, Comentários, Chat e Compartilhamento	Sim	Lembranças: rememoração de acontecimentos	Web e Móvel
Stories do Facebook	<i>Feed</i> (disponível durante 24h)	Comentários	Sim	Fixação de 24h: presentificação do passado	Web e móvel
Snaphat	Perfil (24h)	Chat	Sim	Fixação de 24h: presentificação do passado	Somente móvel

Quadro 1 – Principais características das redes sociais imagéticas abordadas
Fonte: Produção individual

A partir disso, as mudanças ocorridas na fotografia e nas redes sociais, nos nove anos que vão do surgimento do Fotolog ao Snapchat, incidem na relação com a memória e os registros – além do compartilhamento, quando possibilita capturas de diversos momentos e o armazenamento de cada vez mais de fotos. Tudo o que é fotografado é guardado. Mais do que isso, em algumas redes, como Snapchat e Stories do Facebook, toda foto produzida é feita para compartilhar. Nesse sentido, é notável a evolução das práticas fotográficas nessas redes sociais e a incidência cada vez mais acentuada de efemeridade nos registros (LEMONS; SENNA, 2018)

Nesse contexto, algumas redes, como é exemplo do Flickr, Snapchat e Facebook Stories, não possuem necessariamente a iniciativa de fixar as publicações como memórias referentes ao passado; a memória dos acontecimentos está sempre atrelada à imagem publicada, mas, nessas redes, não é esse o fator decisivo para as publicações. Nas duas últimas, principalmente, a presentificação do passado, no sentido do registro produzido horas atrás, parecer, toda vez que acessado, que acabou de ser feito e compartilhado, é o fator vigente. O que pode ser observado em comum entre esses ambientes, nesse sentido, é a construção de uma comunicação mediada pelas imagens.

Por sua vez, o recurso de memória, *Lembranças*, utilizado pelo Facebook, retoma o caráter reminiscnte da fotografia de outrora, porém, inserido no contexto da efemeridade das redes sociais, onde novas situações compartilhadas a todo momento sobrepõem ou fazem desaparecer as antigas. Nesse sentido, cria-se uma condição especial onde qualquer fotografia, quando inseridas em lugares determinados, como *Lembranças* do Facebook, refere-se à memória e trazem recordações.

3. O INSTAGRAM

Para obter uma observação mais minuciosa do compartilhamento de fotografias antigas através da #tbt, esse capítulo irá se aprofundar no funcionamento da rede social Instagram e suas estratégias de interação e compartilhamento de imagens. A análise será focada no uso pessoal da rede social, dessa forma, estratégias para o uso comercial e suas particularidades não serão detalhadas.

O *Throwback Thursday*, ou somente #tbt, é uma tendência na qual pessoas compartilham uma fotografia antiga com qualquer tema, como, por exemplo, fotos de si mesmas, de situações ou acontecimentos marcantes. O primeiro registro que se tem do *Throwback Thursday* é da explicação do termo no Urban Dictionary, em 2003. Um site sobre calçados, Nice Kicks, desde 2006, publicava em uma seção sobre tênis antigos sempre às quintas. Em 2011, o termo se popularizou e blogs americanos passaram a utilizar a expressão para sinalizar que a publicação era sobre o passado.

No Instagram, o *Throwback* se tornou conhecido quando personalidades começaram a utilizar a expressão. Somente no final de 2011, quando já era permitido o uso de *hashtags* no aplicativo, a #tbt viralizou, atingindo mais de 9,1 milhões de fotos em julho de 2012²⁷. A #tbt e suas variações como #throwback ou #throwbackthursday, tornaram-se as *hashtags* mais conhecidas por marcarem publicações de fotos antigas. Outras variações para uso em outros dias da semana existem com o mesmo contexto, como *Flashback Friday* ou *Wayback Wednesday*, mas são pouco utilizadas.

Lançado em 2010, o Instagram se apresenta como um aplicativo propício a interação entre os sujeitos a partir do compartilhamento de fotos e vídeos. Os conteúdos disponibilizados nesta plataforma gratuita, com mais de 50²⁸ milhões de usuários no Brasil em 2017, constituem-se como principais pontos de partida para a criação de laços (RECUERO, 2009) entre os perfis.

Desde o início, o aplicativo possuía como objetivo principal o compartilhamento de fotografias instantâneas. Em suas primeiras versões, somente imagens capturadas com a câmera do aplicativo podiam ser compartilhadas, não permitindo que fotos antigas ou tiradas em outros

²⁷ Dados retirados do: < <http://www.dailydot.com/culture/20-most-popular-instagram-tags/> > Acesso: 6 nov. 2018

²⁸ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/10/1931057-com-50-milhoes-de-usuarios-brasil-e-segundo-no-ranking-do-instagram.shtml> > Acesso: 23 ago. 2018

dias fossem publicadas. O ícone do aplicativo, semelhante ao das câmeras Polaroid²⁹, reitera esse caráter imediatista pregado pela rede social.

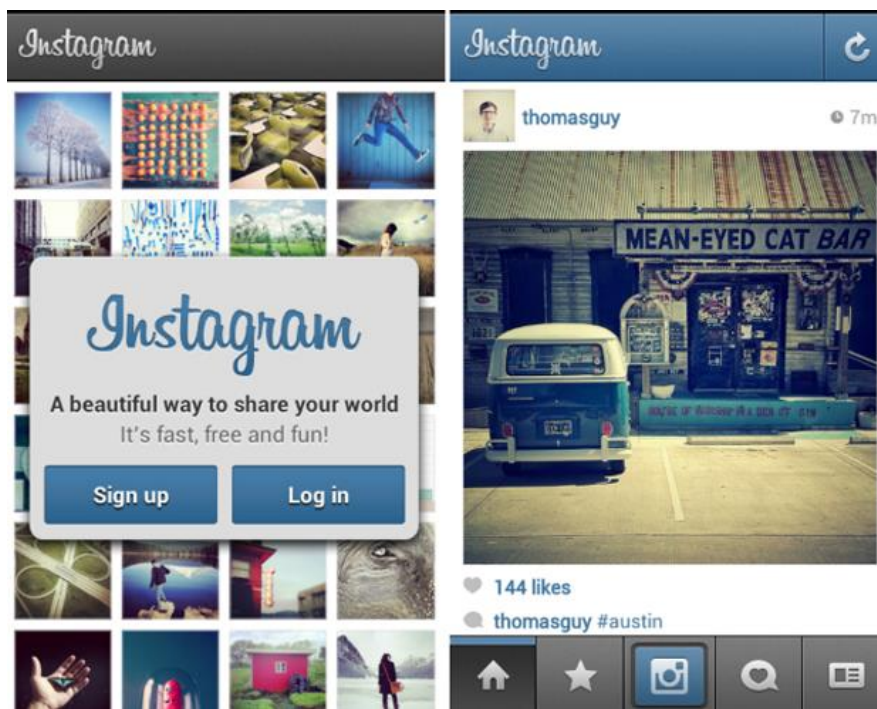


Figura 13 -Interface da primeira versão do Instagram

Fonte: <https://glo.bo/2S8D2qO>

Sua primeira versão era disponível apenas para o sistema IOS, sendo considerado, em 2011, pelo App Store, o melhor aplicativo do ano. Em 2012, no mesmo mês que foi comprado pelo Facebook Inc., tornou-se acessível também para Android e atingiu a marca de 4 bilhões³⁰ de fotos compartilhadas.

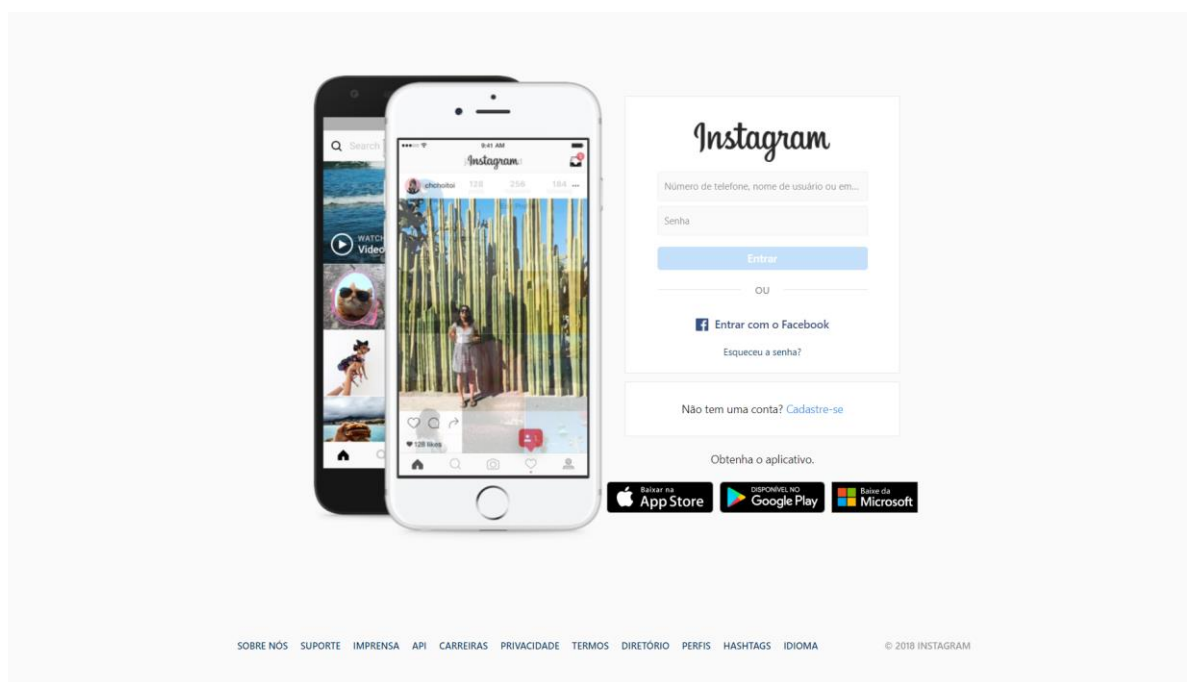
O Instagram se configura como uma rede social de compartilhamento de imagens a partir de dispositivos móveis, mesmo que, em 2013, tenha lançado a versão web do aplicativo. Limitada, essa versão só permite, até hoje, a visualização das publicações e perfis, além das opções de comentar e “curtir”. Ainda em 2013, já compatível também com sistema operacional Windows Phone, passou a suportar compartilhamento de vídeos, além de adicionar “um novo

²⁹ Modelo dedicado à fotografia instantânea analógica

³⁰ <<https://instagram-press.com/blog/2012/07/26/the-instagram-community-hits-80-million-users/>> Acesso: 23 ago. 2018

jeito de enviar mensagem de vídeo ou foto para seus amigos”³¹ através do *Direct*, bate-papo privado que amplia a interação entre os usuários.

No Instagram, os perfis são compostos por informações, como nome e descrição opcional, além das fotografias compartilhadas. A opção de privacidade do perfil pode ser pública ou privada. No primeiro, o conteúdo publicado é disponível para qualquer pessoa, seja da rede social ou não, e pode ser igualmente curtido ou comentado. No privado, somente seguidores do perfil podem visualizar as postagens, interagir com o usuário e enviar mensagens.



*Figura 14 - Página inicial para não cadastrados no Instagram versão Web³²
Fonte: Acervo Pessoal*

Há também a opção de tornar a conta comercial, onde informações mais aprofundadas sobre engajamento e alcance das publicações são oferecidas para o usuário com o objetivo de gerenciar o uso do perfil de forma mais eficaz. O número de visitas, cliques, interações, horário de maior engajamento são algumas das informações disponibilizadas. No entanto, quem opta pelo perfil comercial, não pode torná-lo privado. Classifica-se de acordo com o papel social ou profissional que o usuário desempenha, tal como artista, treinador, engenheiro, entre outras funções.

³¹ < <https://instagram-press.com/blog/2013/12/12/introducing-instagram-direct/> > Acesso: 12 out. de 2018.

³² Versão atual. Acesso: 12 out. de 2018.

As publicações são feitas no *feed* e no Instagram Stories, recurso adicionado em 2016, com a premissa de compartilhamento de conteúdo que expira após 24h. Apesar dos dois recursos compartilharem fotos e vídeos, cada um possui sua particularidade, para além do limite de tempo fixo no perfil.

As imagens compartilhadas no *feed* ficam disponíveis em ordem cronológica na galeria, dispostas no perfil do usuário, assim como as publicações nas quais o usuário foi marcado. Após atualizações³³, o Instagram passou a oferecer ferramentas de ajustes e modificações da imagem, além da adesão de diferentes tipos de edições, totalizando, atualmente, 40 tipos de filtros com temáticas diversas.

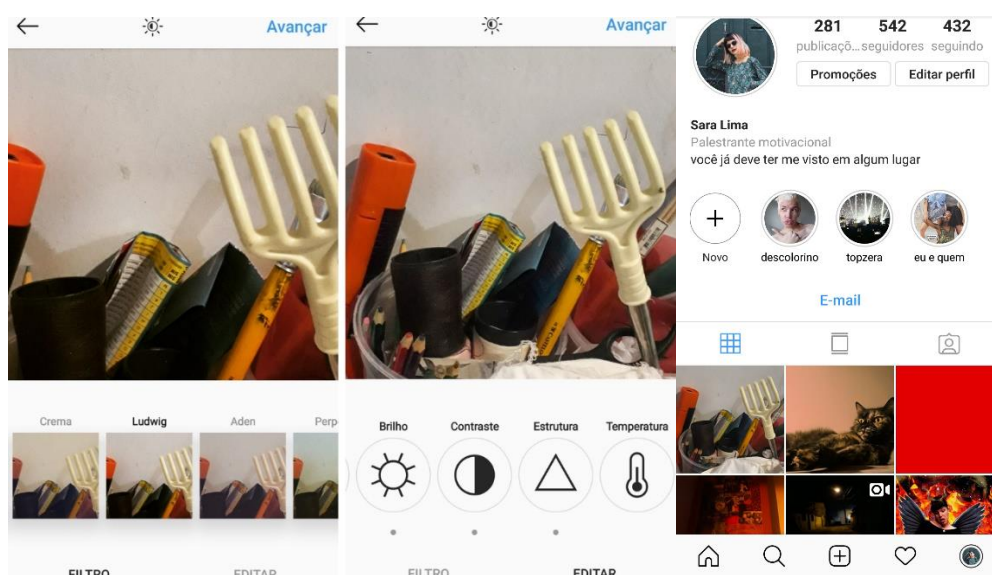


Figura 15 - Apresentação dos filtros e edição do feed
Fonte: Acervo pessoal

Na publicação, pode-se adicionar legendas, *hashtags* e georreferenciamento além de ser possível marcar um amigo na própria foto. O Instagram é caracterizado pelo gerenciamento de conteúdo que agrega metatexto em vídeo ou foto, com o objetivo de socializar, interagir e, sobretudo, compartilhar fotografias com os seguidores.

Assim como o Snapchat, o recurso Instagram Stories possui a premissa do compartilhamento de imagens que expiram após 24h. Apesar de ter sido criado em 2016, já

³³ Fonte: < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/06/atualizacao-do-instagram-permite-editar-fotos-no-aplicativo.html> > Acesso: 10 out. de 2018.

possuía em 2017 mais de 300 milhões de usuários ativos diariamente³⁴. O recurso, localizado no topo da página do aplicativo, é marcado pela possibilidade de variadas formas de manipulação da imagem. Em seu começo, somente fotos instantâneas poderiam ser compartilhadas, mas, no final de 2017³⁵, qualquer conteúdo no rolo da câmera poderia ser compartilhado.



Figura 16 – Apresentação do Instagram Stories
 Fonte: <https://bit.ly/2R7Syllh>

Filtros de cores, animações e máscaras temáticas, como animais e coroas, podem ser adicionados antes da captura da imagem no Stories. Fazem parte do conjunto mais de 33 efeitos³⁶, em formatos de caleidoscópio, espelhos, corações flutuantes, etc., e, em épocas festivas como natal e halloween, são adicionados ao recurso filtros temáticos. Além disso, as imagens capturadas com a câmera do Stories podem ser enviadas para os seguidores já com as modificações escolhidas.

³⁴ Fonte: <<https://www.tecmundo.com.br/software/123750-instagram-stories-chega-300-milhoes-usuarios-ativ-os-dia.htm> > 21 out. 2018

³⁵ Fonte: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/11/instagram-libera-foto-antiga-no-stories-novos-filtros-aparecem.ghml> > Acesso: 20 out.2018.

³⁶ Dados retirados do próprio aplicativo em 20 out. 2018



Figura 17 – Filtro espelhado, “caleidoscópio”, cor e gradeado no Stories antes da captura da imagem

Fonte: Acervo pessoal

Há também efeitos destinados principalmente para vídeos. A modalidade “superzoom”, com 10 efeitos imagéticos e sonoros, possui fundos de suspense, drama e ação. Os vídeos podem também ser gravados ao contrário com a ferramenta “rebobinar”, além da possibilidade de transmissão online com o “ao vivo”, que, disponível para todos os usuários do Instagram, notifica aos seguidores do perfil que uma transmissão está sendo feita.

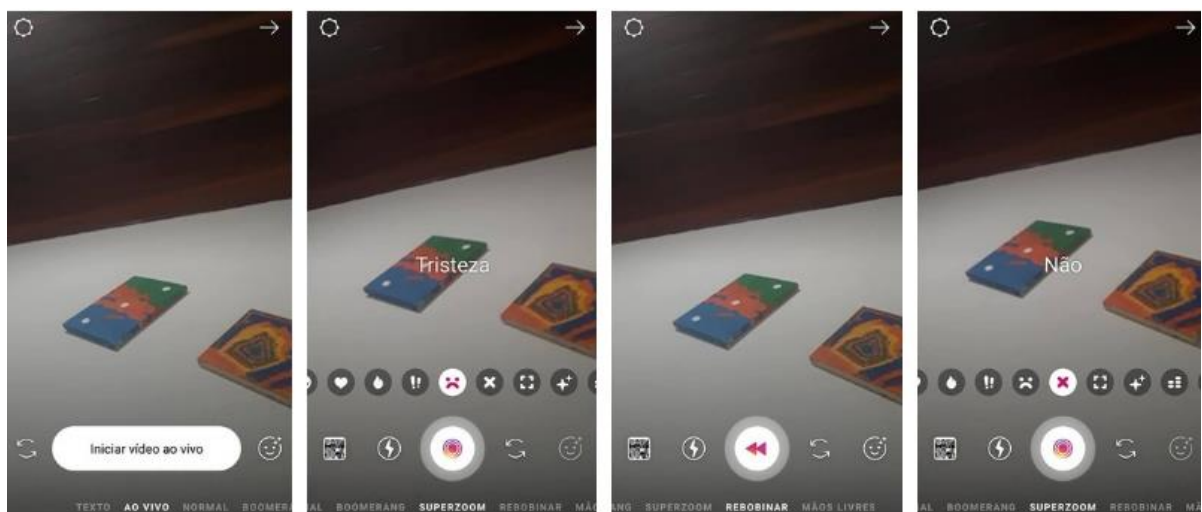


Figura 18 – Edições destinadas unicamente aos vídeos

Fonte: Acervo pessoal

Em 2017, além de lançar diversas outras ferramentas de interação para os Stories, o Instagram criou o Instagram TV, plataforma de compartilhamento de vídeos com mais de um minuto. No mesmo ano, o envio de vídeos para o *direct* também passou a fazer parte da prática de sociabilidade no aplicativo, tal como a adesão de novos *stickers*. Os *stickers* de perguntas, enquetes e inserção de gifs são agrupados na tela de pós-captura da imagem e somam-se aos emojis e ilustrações já existentes no recurso. Na enquete, os seguidores enviam a mensagem através da caixa disponível no Stories, e o usuário pode selecioná-los e respondê-los um a um em novas histórias.

O uso de geolocalização também é permitido nos Stories, tal como adesão do horário da publicação. Se a imagem compartilhada for antiga, a data de captura surge sobreposta ao conteúdo, sendo opcional mantê-la. Novos *stickers*, assim como o caso dos filtros, são adicionados à medida que eventos nacionais e internacionais, como eleições, copa do mundo e natal, surgem.

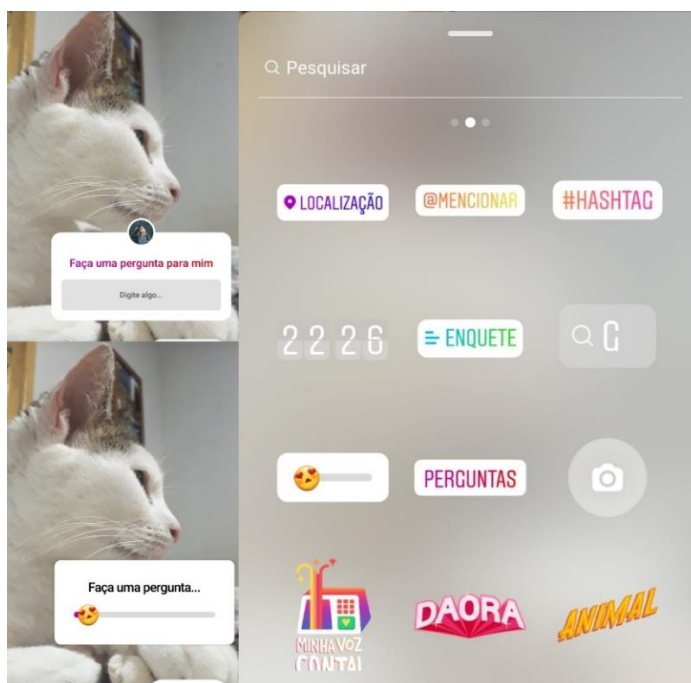


Figura 19 – Stickers no Stories
Fonte: Acervo pessoal

A rede social disponibilizou, no final de 2017, a fixação duradoura das publicações feitas no Stories, para além das 24h convencionais. Chamado de “destaques”, a ferramenta, que busca tornar permanente as publicações do Stories, está localizada no *feed*, logo abaixo das

informações sobre o usuário. O nome de cada álbum pode ser personalizado, além de não possuir limite de arquivo. Além disso, todo o conteúdo compartilhado no recurso Stories é visível para o usuário através do “arquivo de Stories”.

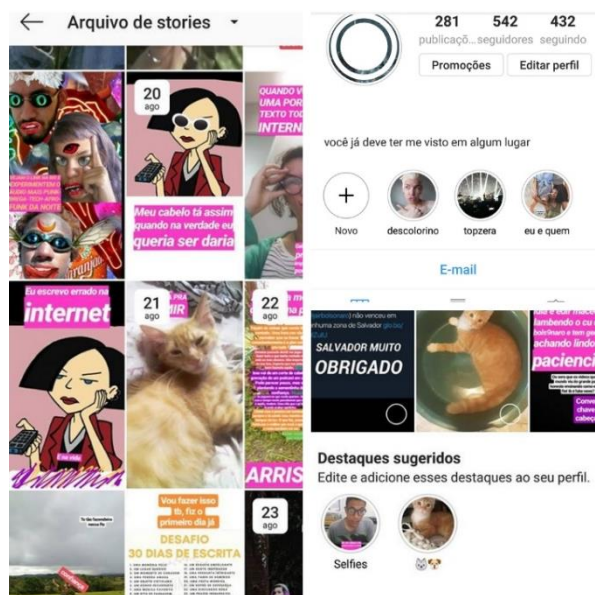


Figura 20 - Arquivo de Stories, disposição do recurso no feed, nomes e destaques sugeridos pelo aplicativo

Fonte: Acervo Pessoal

Assim, as modificações que ocorreram no Instagram, desde seu surgimento, acompanham os avanços tecnológicos, como a massificação de smartphones com câmeras acopladas, e se relacionam intimamente com a ampliação de formas de sociabilidade em rede típicas da cultura digital. Cada vez mais o aplicativo investe em ferramentas que dilatam as interações entre os usuários, aumentando, de certa forma, o contato com o outro. Não só pela apropriação de recursos que deram certo em outras redes sociais, como, por exemplo, o Snapchat, mas também através da observação das formas de usar o próprio aplicativo.

Ao contrário do Fotolog, que permite a postagem de apenas uma foto diariamente, no Instagram não há limite de publicação. Tudo pode ser compartilhado a qualquer instante. No Stories, pelo conteúdo expirar após 24h, mesmo com o recurso “destaque”, não há propriamente uma preocupação com a qualidade e quantidade de imagem compartilhada.

De acordo com Lúcia Santaella (2013), os perfis nas redes sociais podem ser considerados como extensões dos usuários, influenciando na criação de experiências subjetivas entre quem usa o Instagram, uma vez que gosto, forma de expressão e interação são expostos

na rede. Como o próprio aplicativo declarou: “seu perfil é uma representação de quem você é e evolui com você ao longo do tempo” (2017)³⁷. Assim,

“passam a responder a atuar como se esse perfil fosse uma extensão sua, uma presença daquilo que constitui sua identidade. Esses perfis passam a ser como estandartes que representam as pessoas que os mantêm” (SANTAELLA, 2013, p.43 apud RAMIRES; SILVA, 2015, p. 4)

O Instagram prima pela interação entre os usuários, incentivando-os a compartilharem momentos. Cotidianos ou solenes, essas fotografias buscam aproximar ainda mais os seguidores, além de representar uma tentativa de solidificação da identidade do usuário através da propagação de um passado e presente a todo tempo atualizado. “Por esse viés, podemos pensar que não se trata apenas de um aplicativo de celular que compartilha somente o instante, mas também emoções, lembranças, experiências mediadas por imagens” (ANTUNES, 2017, p. 2).

O fortalecimento da socialização e da interação está ligado diretamente à possibilidade de compartilhamento de todo o tipo de conteúdo, inclusive de fotografias antigas. Dado que a preocupação já não é a qualidade nem a quantidade da imagem produzida, toma-se como cerne, nessa rede, a sociabilidade. Apesar do Instagram possuir a premissa da instantaneidade e da efemeridade, as fotografias continuam a evocar lembranças, sendo, até os mais banais, suportes de recordação.

Nesse sentido, a cada novo comentário, resposta ou *like* na publicação, seja no *feed* ou no Stories, o usuário volta à memória da situação compartilhada, a memória vivida (VIRILIO, 2006), como se fosse uma nova olhada nos álbuns familiares. Não se pode, no entanto, igualar as produções fotográficas que possuíam o objetivo de guardar momentos em álbuns de retrato com a atual prática fotográfica nas redes sociais, como o Instagram, por se tratarem de dinâmicas diferentes. Porém, as duas práticas possuem em comum a existência de uma memória e a tentativa de compartilhá-la, seja com pessoas próximas ou seguidores.

O entendimento do uso do metatexto no aplicativo poderá servir de ponte para a compreensão do uso da #tbt no Instagram, abordado no próximo capítulo. O compartilhamento de fotografias antigas acontece, nesse contexto, a partir da proposta da *hashtag* em incentivar a prática.

³⁷Fonte: < <https://instagram-press.com/blog/2017/06/13/archive> > Acesso em 25 out. 2018

A construção e manutenção dos laços sociais podem ser realizadas através de interações mediadas também pelo compartilhamento de imagens antigas e narrativas pelos usuários. Essas narrativas são construídas a partir de expressões, além da própria fotografia, tal como o uso de legendas, *hashtags*, emojis e geolocalização. Assim,

a prática fotográfica não se encerra no momento de produção da imagem (...) e não se caracteriza apenas pelo compartilhamento, mas se constrói através da lógica de produção de dados e performances algorítmicas realizadas a partir das interações e inserções de metatextos. (LEMOS; PASTOR, 2018, p. 20)

O metatexto faz parte de uma das relações transtextuais proposta pelo francês Gérard Genette. Para ele, a transtextualidade é tudo o que coloca um texto em relação a outro, e subdivide-se em cinco categorias: intertexto³⁸, paratexto³⁹, metatexto, arquiteyto⁴⁰ e hipertexto⁴¹, sendo hierarquizados a nível de abstração. A metatextualidade, nesse caso, é a relação “que une um texto a outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo (convocá-lo), até mesmo, em último caso, sem nomeá-lo” (GENETTE, 2005 apud BARROS, 2006, p. 126).

Assim, as *hashtags* e legendas no Instagram são metatextos à medida que são criadas e utilizadas a partir de uma fotografia. Cabe analisar o uso desse metatexto na rede social como uma busca de acréscimo de informação na publicação, não só no *feed*, através das legendas com a utilização de *hashtag* e uso de georreferenciamento, como também nos Stories, onde expressões textuais são incluídas e sobrepostas às imagens compartilhadas no recurso. Nesse sentido, considera-se a prática fotográfica no Instagram “uma atividade associada à prática de dados” (LUPTON, 2016 apud LEMOS; PASTOR, 2018, p. 12).

As interações textuais, em forma de legendas ou comentários, somam-se as narrativas presentes na imagem, de forma que o entendimento do conteúdo seja tal que possibilite a compreensão da publicação por outros usuários. Tanto no *feed* quando no Instagram Stories, a prática de escrita muitas vezes gira em torno de descrição e explicação da imagem, além de

³⁸ “Genette (2006 [1982]) vê a intertextualidade como a relação de copresença efetiva de um texto em outro (...) revelada de modo explícito ou implícito.” (BUZATO et al. 2013)

³⁹ “Caracteriza-se pela relação menos explícita e mais distante entre o que seria o corpo do texto e os “sinais acessórios” que ocupam seu entorno “variável” (epígrafes, títulos, subtítulos, notas à margem do texto, entre outros)” (BUZATO et al. 2013)

⁴⁰ “Seria a forma mais implícita e abstrata de transtextualidade, muitas vezes limitada ao puro pertencimento taxonômico” (BUZATO et al. 2013)

⁴¹ É “toda a relação que une um texto B (hipertexto) a um texto A (hipotexto), no qual se enxerta de uma maneira outra que não a do comentário (em contraste com a metatextualidade)” (BUZATO et al. 2013)

interação com os usuários, utilizando-se de recursos como *hashtags*, emojis e georreferenciamento ou o texto em si.

No Stories, a dinâmica do uso do metatexto acontece a partir da sobreposição às imagens ou vídeos compartilhados no recurso. Com diferentes fontes e formatos, os textos adicionados não possuem necessariamente o intuito de explicar ou descrever a imagem compartilhada. Como dito anteriormente, emojis, adesivos, gifs e *stickers* textuais (figura 21) podem ser adicionados à postagem, além de outras informações como horário, localização e temperatura.



Figura 21 – Stickers e diferentes formatações de texto no Stories
Fonte: Acervo Pessoal

Há também a possibilidade de compartilhamento somente de texto, que, nesse sentido, não se configura como metatexto uma vez que ele mesmo é o texto matriz, não necessitando de uma imagem ou outra mensagem para existir. As fotografias antigas compartilhadas no recurso, quando já presentes no rolo da câmera, são marcadas com um adesivo da data em que ela foi feita. Segundo o Instagram, essa marcação ajuda o usuário a dar contexto ao conteúdo publicado.

Além disso, *hashtags* também podem ser incorporadas tanto nas publicações do Instagram Stories, quanto no feed. Possibilitando o agrupamento de postagens a partir de temas, a *hashtag* é uma ferramenta que se constitui a partir da articulação entre palavras e o símbolo

“#”. Uma das características mais marcantes do Twitter⁴², a *tag* (etiqueta) também é bastante utilizada em outras redes sociais digitais, como o Instagram e Flickr. Assim,

contextualizadas no conceito de folksonomia⁴³, as *hashtags* classificam, agrupam e direcionam as informações contidas na web sobre os mais variados temas e assuntos, possibilitando maior participação e cooperação dos usuários, através da utilização de palavras-chave para organização. (MANDAJI, MOURA, 2014, p. 6)

Essas etiquetas podem ser utilizadas também para “exteriorizar ideais, sentimentos, preferências, indignações e posicionamentos variados dos indivíduos que compõem o ciberespaço” (MANDAJI; MOURA, 2014, p. 7). Dessa forma, seu uso não se limita às *hashtags* já existentes, permitindo criação de diferentes pontos referenciais pesquisáveis, levando em conta a vontade do usuário, mesmo que a intenção não seja indexar as fotografias em uma galeria temática.

No entanto, impulsionar a publicação com o uso das *hashtags* mais populares no Instagram também é um hábito comum. Ainda que não se relacione com a postagem, o uso de #love⁴⁴ (figura 22), #fun, #girl, ou até mesmo #tbt, por se tratarem de *hashtags* famosas, tornam a postagem visível para milhares de pessoas, aumentando as chances de popularização, alcance e engajamento da fotografia compartilhada.

As publicações feitas no Stories também são indexadas na galeria das *hashtags* utilizadas. Assim, a *tag* se configura como um recurso de indexação das imagens, mas, principalmente, de expressão de ideias e sentimentos que servem como complemento da fotografia, ocasionando criação e utilização de diversas *hashtags*.

Da mesma forma, a inserção da geolocalização também agrega fotografias e vídeos compartilhados nas páginas dos lugares. Nesse sentido, através da localização do dispositivo, cidades, parques, teatros, estabelecimentos como restaurantes, lojas, shoppings ou qualquer ambiente que esteja no mapa, podem ser adicionados nas publicações.

⁴² As *hashtags* se popularizaram no Twitter e o *Trending Topics*, porém, seu surgimento é anterior ao microblog.

⁴³ A folksonomia, expressão cunhada pelo arquiteto de informações, Thomas Vander Wal, é uma maneira de indexar informações. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Folksonomia>.

⁴⁴ Possuindo 1,4 bilhões de imagens compartilhadas indexadas a galeria da hashtag, a #love foi a tag mais utilizada no Instagram em 2017. Dados retirados da página da *hashtag* no Instagram em 20 de out. 2018

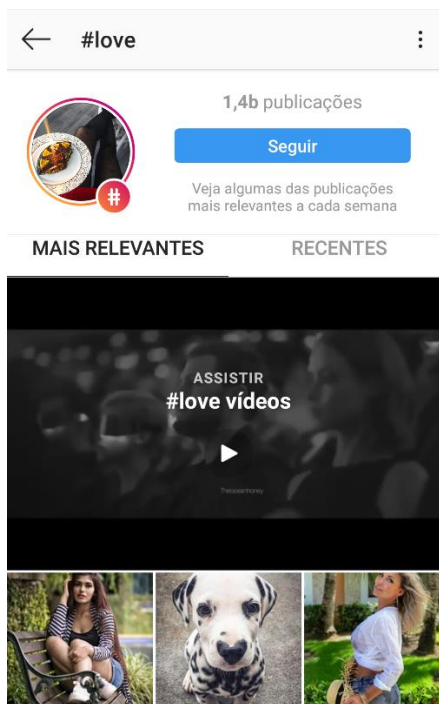


Figura 22 – Página da #love no Instagram
Fonte: Acervo Pessoal

Assim como a dinâmica da *hashtag*, a etiqueta georeferenciada também pode ser customizada pelos usuários a partir de sua intenção. Não necessariamente o lugar inserido na fotografia corresponde a atual localização. Nesse sentido, o uso da geolocalização se torna mais um dos recursos de sociabilidade e de memória no Instagram, além de ser necessário para a criação imaginária do lugar inserido na fotografia. Mais do que isso, a indicação de localização também é um impulsionar da lembrança, uma vez que remete diretamente ao momento e lugar retratado. Pode também ser um disparador de memórias para os outros usuários que possuem alguma referência do lugar anexado, como a reativação de sensações esquecidas assim como um toque, cheiro, som ou sabor. Dessa forma, a prática fotográfica em rede social

se caracteriza não apenas pela produção de uma imagem, mas pela disseminação de um conjunto de dados – marcações, comentários, metatextos, símbolos e geotags – criados para impulsionar as experiências de sociabilidade. (LE MOS, PASTOR, 2018, p. 20)

Dessa forma, o acréscimo de dados, como localização e legendas, faz parte da dinâmica de compartilhamento de imagens no Instagram, como forma de ampliação da sociabilidade e do reforço da memória a partir do aumento das informações sobre a fotografia compartilhada, sendo adicionada pelo usuário de forma espontânea. Nesse contexto, o metatexto também assume a posição de impulsionar uma lembrança, uma vez que é a partir dele que a fotografia é contextualizada, e, de certa forma, guia a interpretação acerca da imagem. O uso de texto assemelha-se, também, aos comentários deixados nos álbuns de retrato ou até mesmo atrás das

fotografias analógicas. As narrativas dos álbuns de retratos eram criadas a partir da associação entre a fotografia, legenda e narração do acontecimento retratado na imagem. Nesse sentido, até mesmo nos álbuns, a fotografia era associada aos dados: não só a imagem comunicava, como também todo o resto; as fotos não utilizadas nos álbuns eram guardadas em caixas e espaços que continham diversos fragmentos e representações do passado sem contextualização, cronologia e hierarquização.

4. MEMÓRIA E INSTAGRAM - O CASO #TBT

Buscando compreender a relação entre a memória e compartilhamento de imagens antigas no Instagram utilizando a #tbt, foi realizada uma pesquisa qualitativa sem fim estatístico através de um questionário online (apêndice) disponibilizado entre os dias 11 e 26 de outubro de 2018, com o total de 317 respondentes. A amostra pretende oferecer dados iniciais para contribuir na elaboração da análise sobre o funcionamento da #tbt.

Disseminado em redes sociais como o próprio Instagram, Facebook e Twitter, a pesquisa possuiu 6 sessões, com 27 perguntas. O link levava o respondente à uma página inicial, apresentando o objetivo do estudo e um termo de consentimento. A primeira etapa consistia em identificação do respondente, na qual informações como idade, gênero, escolaridade e estado de residência foram pedidas.

A sessão seguinte buscou adquirir dados sobre a frequência do uso do Instagram. Algumas questões foram direcionadas apenas após respostas específicas, como por exemplo, se o perfil do usuário fosse público, seriam feitas perguntas diferentes das questões redirecionadas a quem tivesse o perfil privado. Sobre o uso da #tbt, foram coletados dados sobre frequência, motivações, tipos de fotografias mais compartilhadas com a hashtag e critérios de escolha das imagens. A penúltima parte foi destinada unicamente às perguntas sobre as percepções das fotografias compartilhadas com a #tbt; a última se destina às questões complementares. Ao fim do questionário, há um espaço para os comentários acerca da prática de compartilhamento de imagens antigas com a #tbt.

A maioria dos respondentes, 47,6%, residem na região Nordeste do Brasil, são do gênero feminino (74, 8%) e possuem entre 18-24 anos (49,5%). Em relação a escolaridade, as respostas foram bem distribuídas: 36,6% possuem ensino superior incompleto e 34,7% pós-graduação. Nesse sentido, a relação criada entre as fotografias, a memória e as redes sociais digitais pode ser diferente do que seria para pessoas mais velhas, ou até mesmo mais novas, influenciando nas conclusões sobre o comportamento de compartilhar fotografias antigas no Instagram. Esse público nasceu em momentos importantes para a história da fotografia – abrangendo mudanças em relação à produção, revelação e recepção, e acompanha, desde sempre, o fortalecimento da Internet no país.

Apesar de não poder apontar um padrão de uso a partir da amostra colhida, é notável que o Stories é mais utilizado pelos usuários do Instagram do que o *feed*. Este, em 51% dos casos, é utilizado duas a três vezes por mês, ou raramente (28,6%), enquanto o uso do Stories é semanal (69,1%), sendo que desses, 29,9% publicam duas a três vezes por semana, 16,4% diariamente e 13,2% uma vez por semana. Saber onde os usuários mais publicam mostra-se relevante para a comparação entre a veiculação de conteúdos rápidos, como fotografias instantâneas, e os registros antigos nesses recursos⁴⁵. Nesse sentido, a prevalência do uso do Stories pode apontar uma relação mais imediatista no uso do aplicativo, uma propagação de um passado cada vez mais presente, assim como o Snapchat e o Instagram Stories, apontados anteriormente.

Segundo os dados do questionário, 78% dos respondentes disseram compartilhar imagens antigas em seu perfil do Instagram. Isso indica que a questão da memória, entendido como lembrança de um passado, ainda que recente, é importante no uso dessa rede social. Nesse caso, o compartilhamento desses registros acontece de forma quase parecida nos dois recursos do aplicativo, mas a preferência é em 54,4% pelo *feed* (gráfico 1). Nesse sentido, a prática de compartilhar imagens que remetem à memória pode indicar uma relação diferente entre o tempo e a dinâmica do Instagram, quando imagens datadas são inseridas em espaços com teor essencialmente instantâneo, como o Stories.

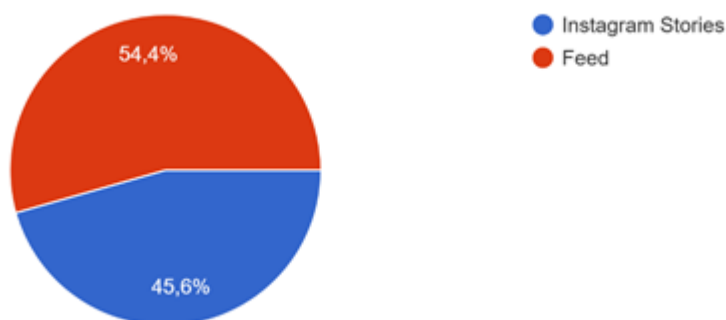


Gráfico 1 - Pergunta: Em qual recurso você mais compartilha imagens antigas?
 Fonte: Gráfico de respostas do Formulários Google

⁴⁵ Esse trabalho não busca aprofundar questões sobre as práticas fotográficas específicas para o Instagram Stories e modo galeria. O objetivo é analisar de que forma as imagens antigas compartilhadas com a #tbt dialogam com a essência efêmera do aplicativo, que, conseqüentemente, abarca os dois recursos.

Seguindo a lógica, a relação com o tempo e o entendimento sobre o que é antigo se ressignifica na rede social, uma vez que qualquer registro que não seja de hoje, pode ser considerado antigo. Segundo um dos respondentes, “*a noção de passagem do tempo tem sido acelerada. O antigo é muito recente.*” Relacionado a isso, 45,6% dos usuários compartilharam fotografias ainda dessa década com a #tbt no *feed* e 30,3% no Stories. O restante das respostas se divide em anos espaçados, entre as décadas de 2000 e 1990. Dos respondentes, um casamento de avós, de 1961, foi o registro mais antigo publicado no *feed*. Já no Stories, a imagem mais antiga publicada e relatada no questionário foi de 1987.

A pergunta “de que ano é a fotografia mais antiga publicada por você com a *hashtag*?” não possuía indicações de anos. Nesse sentido, anterior ao próprio questionamento, a escolha da fotografia a ser compartilhada não partiu do critério de antiguidade, levando em conta o sentido de antigo como um largo espaço temporal entre a captura da imagem e o tempo presente. Pode-se observar que não há um critério no que diz respeito à “idade” da foto e de que forma ela se relaciona com a memória. No entanto, é preciso levar em conta o perfil de idade da maioria dos respondentes dessa pesquisa (18-24 anos).



Figura 23 - Fotografias no Stories com a #tbt
Fonte: Acervo Pessoal

No contexto das redes sociais instantâneas, como o Instagram, qualquer foto capturada e não compartilhada no presente é considerada antiga. A #tbt, que possui a premissa de compartilhamento de imagens do passado, acaba sendo utilizada para sinalizar que essas

imagens não foram produzidas momentos antes da publicação, e esse uso não é limitado à quinta-feira. Nesse sentido, somente 39,5% (gráfico 2) dos respondentes que disseram utilizar a #tbt afirmaram anexar a tag em outros dias que não a quinta. No entanto, sendo em qualquer dia da semana, o uso da *hashtag* simboliza que a fotografia compartilhada é antiga, mesmo que se trate de um antigo recente.

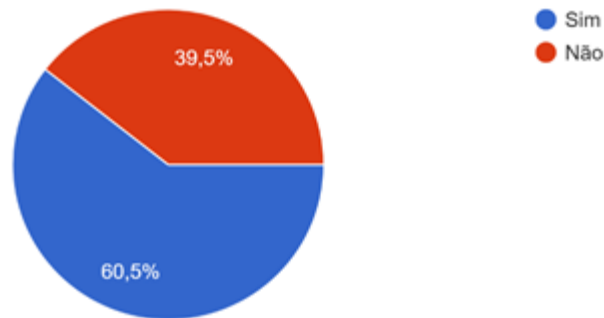


Gráfico 2 – Pergunta: *Alguma vez você esperou a quinta-feira para compartilhar uma imagem antiga?*

Fonte: Gráfico de respostas do Formulários Google

Em algumas fotografias, principalmente na quinta, já que 60,5% aguardam o dia para compartilhar imagens antigas, a diferença que se nota entre as publicações com o marcador e aquelas sem é que as fotografias compartilhadas com #tbt possuem um caráter saudosista (50%). Segundo outro respondente, “*as imagens com #tbt ficam mais nostálgicas*”. Assim que surgiu, a “regra” era compartilhar fotografias com mais de 5 anos, hoje, isso já é opcional. No entanto, independente do dia, as fotografias publicadas muitas vezes são acompanhadas de palavras ou *hashtags* como “saudade” e “relembrar”. Esses dados podem indicar o funcionamento da #tbt como uma acionadora de lembranças.



Figura 24 - #tbt no Stories em outros dias da semana
Fonte: Acervo pessoal

Para que os outros usuários entendam que a publicação se trata do compartilhamento de uma memória através da fotografia, não só pela fotografia representar o passado, é preciso que seja sinalizado através da contextualização. Além do uso da própria #tbt – adicionada como legenda, 81,1% dos respondentes também adicionam legendas com textos, sendo que, entre esse percentual, em 64% dos casos a legenda é usada para explicar a motivação do compartilhamento daquele registro. A localização de onde a imagem foi feita é compartilhada em 40,1% das publicações a partir da localização. No Stories, pode ser adicionado a data da captura das imagens e textos sobrepostos às imagens; no *feed*, as legendas desempenham a função de explicar. Em uma das questões, foi deixada a seguinte resposta:

O uso da #tbt pode ser substituída pelo contexto, fazendo com que os outros usuários percebam que se trata de uma publicação mais antiga. Eu mesmo uso pouco essa hashtag, mas posto imagens mais antigas que são percebidas como tal pelo contexto da legenda, por exemplo.

O caráter indicial da fotografia defendido por Dubois (1993), que é “determinado por sua relação efetiva com o seu objeto e sua situação de enunciação” (p.52), não é levado em conta pela maioria que usa a *hashtag*. A pouca preocupação com o entendimento da fotografia pelos seguidores, apresentada em 54,5% dos respondentes que nunca deixaram de compartilhar uma imagem que talvez não fosse entendida, pode ser justificada pela disposição de ferramentas que auxiliam na contextualização da imagem. Nesse sentido, é reiterado o caráter da fotografia

como prática conversacional de dados (LE MOS; PASTOR, 2018), uma vez que as legendas, hashtags e geolocalização assumem o papel de contextualizar a imagem compartilhada.



Figura 25 - #tbt no feed com uso de legenda
Fonte: Acervo Pessoal

Um dos comentários deixados ao fim do questionário, diz: “*eu não tinha reparado como a hashtag influenciou a compartilhar memória e momentos antigos, mas é uma oportunidade muito interessante*”. Já outro respondente afirma que “*acho ótimo poder conhecer o passado das pessoas que sigo e poder compartilhar o meu com as outras pessoas*” Mais do que isso,

A hashtag estimula os usuários a buscarem registros fotográficos antigos, dando a oportunidade de se reconectarem com suas memórias além de também terem acesso às memórias de sua rede de amigos.

As imagens mais compartilhadas com a *hashtag* são em 69,3% fotos com amigos e 37,6%, fotos em família. Retratos de infância aparecem com 32, 8% de preferência e selfies 24,9%. O critério de escolha das fotos – somente 9,5% disseram publicar vídeos com a *hashtag* - pode girar em torno da beleza (34,5%) e da aproximação com o estilo de postagens que já é comum do usuário (19,3%). No entanto, a relação de identificação com a fotografia influencia também na forma de escolha: 20,3% dizem compartilhar as imagens que mais o comovem. O critério mais utilizado pelos respondentes, com 56,9%, é escolher a imagem que melhor apresenta o momento que gostaria de ser compartilhado.



Figura 26 – Fotografias a partir de outras imagens
Fonte: Acervo Pessoal

O compartilhamento de fotografias antigas pode oferecer indicações sobre transformações que hoje atravessa a produção da subjetividade (SIBILIA, 2004), provocando mudanças em valores como interioridade e intimidade. Nesse sentido, 57% dos respondentes possuem o perfil público, o que, para eles, não interfere no compartilhamento de memórias nessa condição. Pelo contrário, desses, 71,7% acreditam que faz sentido compartilhar memórias, através de fotografias, com pessoas que não são conhecidas.

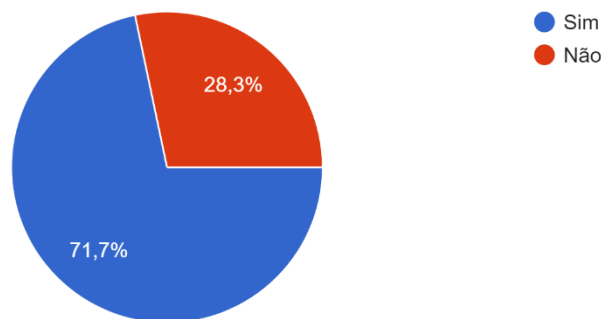


Gráfico 3 – Pergunta: Você acha que faz sentido compartilhar suas memórias com pessoas que não lhe conhecem?

Fonte: Gráfico de respostas do Formulários Google

Dos 57,1% que possuem o perfil aberto, 57,7% compartilham as memórias por não terem medo de se expor, não se importando que os registros publicados possam ser acessados por todas as pessoas, conhecidas ou não. Nessa perspectiva, 34,6% justificam o ato como “*quero mostrar quem eu sou*”. Para Lowentall, lembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos “(...) recordar experiências passadas nos liga a nossos *selves* anteriores, por mais diferente que tenhamos nos tornado” (1998, p. 83). Em paralelo, “cada vez mais, a “verdade” sobre o que cada um é se desloca desse âmago secreto, radicalmente íntimo e privado, para aflorar na superfície da pele (e das telas)” (SIBILIA, 2004, p. 2).



Figura 27 - Momentos compartilhados usando a #tbt
Fonte: Acervo Pessoal

Mesmo quem possui o perfil privado (42,9%), por diversos motivos, também compartilharia memórias se o perfil fosse público⁴⁶ (65,4%). O que é contraditório, visto que, do percentual que possui o perfil privado, 60,2%⁴⁷ optaram por essa privacidade porque querem compartilhar esses registros somente com amigos próximos e selecionados. Ao mesmo tempo que nos comentários da questão há o desconforto em exibir registros tão pessoais, afirmações como “*compartilhar memória, em geral, é um ato positivo*” ou “*minhas memórias são momentos que amei passar e não me importaria que outras pessoas vissem*” foram comuns.

⁴⁶ Pergunta: “Se seu perfil fosse público, você compartilharia suas memórias?”

⁴⁷ Pergunta: “Por que você compartilha imagens com a #tbt em privado?”

Os participantes também responderam outras questões acerca da relação das fotografias compartilhadas com a memória. “A memória é pra ser compartilhada quando ela está viva”⁴⁸. Para além do compartilhamento da fotografia, o processo de seleção da imagem a ser publicada também instiga observações a respeito do uso da #tbt. Durante a escolha da imagem a ser compartilhada, 46,2% dos respondentes relembram bastante o que está retratado na foto.

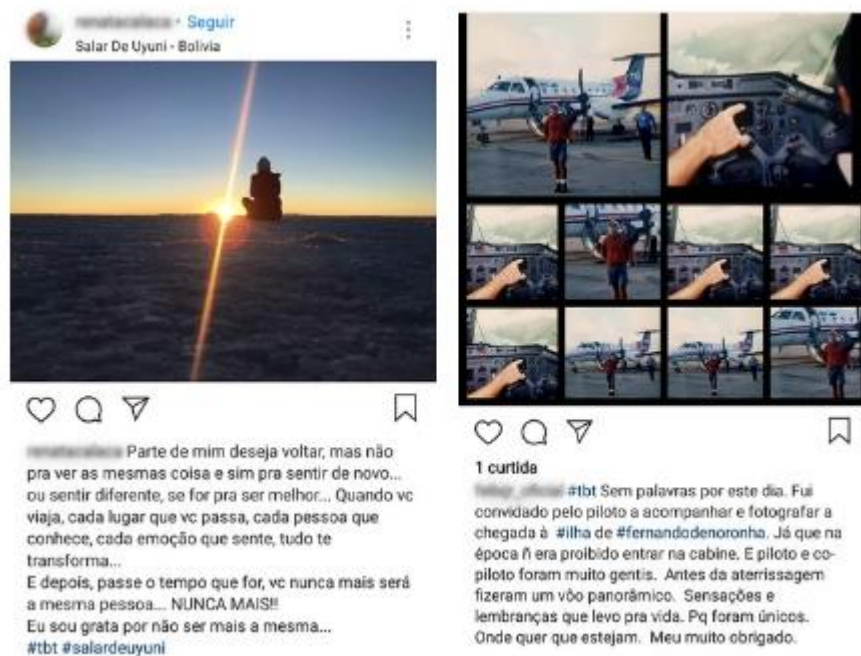


Figura 28 – Expressões de sentimentos com a #tbt
Fonte: Acervo pessoal

A foto, nesse contexto, se torna a mediação entre o sentimento do usuário, ao relembrar momentos a partir da imagem, e seus seguidores. Exemplo disso é que 54% dos respondentes sentem-se bem ao serem lembrados quando algum amigo publica uma foto com eles. É o sentimento de nostalgia (58,2%), mais do que de saudade (47,6%) que é despertado quando se entra em contato com momentos de pessoas próximas. Além disso, 47,7% dos respondentes passaram a usar a #tbt e compartilhar fotografias antigas por acharem a dinâmica da *hashtag* interessante. Já para 44,7%, a *hashtag* proporcionou a oportunidade de compartilhar memórias através de fotografias. A saudade também pode ser considerada um impulsionador desses

⁴⁸ Comentário retirado de respostas

compartilhamentos, tendo aparecido em comentários no questionário como motivação para publicação desses registros.

CONCLUSÃO

A quinta-feira se tornou sinônimo de compartilhar o passado no Instagram a partir da publicação de fotografias antigas. Esse dia se tornou o “dia do tbt”, não só em referência à própria #tbt, mas, principalmente, ao tempo destinado para divulgação de fragmentos do passado. É a tentativa de compartilhar um momento, o sentimento de nostalgia e saudade, através da fotografia auxiliada pelo metatexto. Somente contextualizada e indicada, a foto faz parte do tbt, por isso é fornecida a maior quantidade de referências, a partir de legendas, *hashtags* e geolocalização, para incrementar informações sobre a lembrança compartilhada. Como afirma Virilio, “não pode haver memória, se não há algo para contar” (VIRILIO, 2006, p. 103).

Apesar de o Instagram ser pautado no compartilhamento de fotografias instantâneas, ao se configurar como uma rede social baseada prioritariamente na sociabilização através de imagens, qualquer relação que se crie com fotografias é válida, indo do passageiro, como no Stories, ao duradouro, na galeria do perfil. Não se trata, no entanto, de cair na dualidade sobre qual tipo de imagem é mais significativa no aplicativo e nas interações, mas reconhecer seu funcionamento e de que forma essas imagens mais velhas se adequam às práticas da rede. Nesse sentido, até a noção de antigo se modifica, uma vez que o que se entende como antigo pode ser retratado em uma fotografia de minutos atrás.

Nesse contexto, no meio digital, as fotografias necessitam ser lembradas constantemente para que não se percam em meio a tantas informações e imagens, que seguem o fluxo acelerado e contínuo das redes digitais, fotografando a todo tempo e, consequentemente, “congelando”, armazenando e compartilhando cada vez mais fotos. Nesse sentido, a ideia da *hashtag* propõe não só o compartilhamento, mas o resgate de registros antigos pela procura dessas imagens em pastas, rolo de câmera, nuvens e álbuns. Em consonância, o critério de seleção das fotografias compartilhadas com a tag diz muito sobre os usuários, uma vez que não são delimitados data e contexto para escolha da fotografia. É uma procura individual e movida pelo misto de estética e sentimento, visto que os critérios mais apontados foram as imagens mais bonitas (34,5%) e as que mais se aproximam do momento a ser lembrado (56,9%).

Com a proposta das imagens serem mais duradouras, o *feed*, quando organiza as fotografias cronologicamente e disponibiliza essas imagens na galeria do usuário, torna-se mais próximo dos álbuns de retratos (LE MOS; SENNA, 2018), tidos como lugares de

armazenamento de fotografias que muitas vezes remetiam à memória. No entanto, o Stories que “não é uma ferramenta de memória” (TERRA, 2017, p.23), possui também grande adesão no compartilhamento de fotografias antigas, como vimos, com 45,6%.

Nesse sentido, é relevante observar o alto número de estratégias de ampliação da sociabilidade entre os usuários no Stories, como enquetes, perguntas e respostas. O compartilhar fotografias antigas nesse recurso pode ser considerado também mais um dos meios de criar interações entre os usuários, uma vez que “*compartilhar memórias com os seguidores*” é uma das motivações mais apontadas pelos respondentes nos comentários da pesquisa. Nesse sentido, as noções de íntimo e público, no *feed* e no Stories, também entram em questão, não só pelas opções de privacidade dispostas no Instagram, mas pelo deslocamento de conteúdos tão íntimos para um palco de visibilidade como o aplicativo.

Segundo Sibilia (2003, 2004), as narrativas de si mesmo ganharam novos contornos a partir do final do século XX. Isso coincide com as mudanças na prática fotográfica – passagem do analógico para o digital, adesão de novas formas de fotografar, novos dispositivos, o que interfere também nas práticas de exposição, uma vez que tudo pode ser fotografado e compartilhado. Nesse caso, o compartilhamento de fotografias antigas pode oferecer indicações sobre transformações que hoje atravessa a produção da subjetividade, provocando mudanças em valores como interioridade e intimidade. Para os 57% dos respondentes que possuem o perfil público, a condição do perfil não interfere no compartilhamento de memórias. Pelo contrário, 71,7% desses acreditam que faz sentido compartilhar memórias, através de fotografias, com pessoas que não são conhecidas.

Isso relaciona-se com a resistência de Barthes, em *A Câmara Clara*, em mostrar a fotografia de sua mãe. Para ele, o sentimento remetido pela imagem era diferente do que seria para outra pessoa, e que, por isso, não seria entendida como ele o fazia. Descolando o contexto de uma fotografia física para digital, aparentemente, o caráter indicial da fotografia, que é “determinado por sua relação efetiva com o seu objeto e sua situação de enunciação” (DUBOIS, 1992, p. 52), não é levado em conta na hora de compartilhar a fotografia, uma vez que 54,5% dos respondentes nunca deixaram de compartilhar uma imagem que talvez não fizesse sentido para os seguidores.

Partindo disso, a motivação do compartilhamento de memórias com pessoas desconhecidas é um fator intrigante, uma vez que aquela imagem só fará sentido se explicada. A diferença não se limita à interpretação, mas abrange a sensação causada a partir da fotografia;

um amigo que conhece a vida do outro, pode reconhecer determinado momento; um seguidor, no entanto, sem qualquer proximidade, mas que interage com o perfil, receberá a imagem de uma maneira diferente. Nesse contexto, o uso da #tbt também perpassa questões acerca das modificações de produções fotográficas digitais, uma vez que, hoje, as fotografias nas redes sociais digitais são “mais de contato com o outro, de compartilhamento de sentimentos imediatos, de formas explícitas de sociabilidade com metadados que extrapolam a imagem” (LE MOS; PASTOR, 2018, p. 13).

Trata-se, portanto, do que a foto desperta: o sentimento de saudade. A fotografia ainda conserva seu caráter simbólico, ocasionalmente criando identificação tanto com o objeto retratado, quanto com a representação de um momento, uma experiência ou um passado, porém é inserida, hoje, no contexto de efemeridade, da circulação em rede e da facilidade de fotografar. O compartilhamento dessas fotografias atrela-se a perspectiva imediatista do aplicativo quando a imagem é acompanhada de sensações no ato de lembrar algo. Não só a foto é compartilhada, mas o sentimento e a experiência também. O fato de o registro ser antigo pode ir de encontro à lógica instantânea, onde diversas fotografias são produzidas e compartilhadas simultaneamente, mas o compartilhamento de um sentimento evocado ao rever uma imagem, seja saudade ou nostalgia, converge com a proposta do “aqui e agora” do aplicativo.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, B. BONIN, J. **XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.** Do álbum de fotos para a internet: perspectivas teórico-metodológicas para compreender a reconfiguração da memória no ambiente digital. 2010.
- ANTUNES, B. **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** #Tbt e o problema da instantaneidade e do imediatismo no Instagram. 2017.
- BARROS, L. **Seminário de Literatura e Outras Artes: Intermedialidade e as Artes Contemporâneas;** PALAVRAS, SONS E IMAGENS EM CARTAZ: aspectos de intermedialidade no romance Benjamin, de Chico Buarque, e na adaptação cinematográfica de Monique Gardenberg. Minas Gerais. 2006.
- BARTHES, R. **A Câmara Clara, nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDRILLARD, J. Além do princípio da memória do social. In: **Memória cotidiana: Comunidades e comunicação na era das redes.** CASALEGNO, F. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- BRUNO, F. Ver e ser visto: subjetividade, estética e atenção. P.53.66. In: **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade** / Fernanda Bruno. – Porto Alegre: Sulina, 2013. 190 p.; (Coleção Cibercultura)
- BOONE, S. **Fotografia, memória e tecnologia.** Conexão- Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v.6, n.12, jul./dez. 2007
- BUZATO, M, et al. Remix, mashup, paródia e companhia: por uma taxonomia multidimensional da transtextualidade na cultura digital. in: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada.** Minas Gerais. 2013.
- CANAVILHAS, J. Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses. **Brazilian journalism research.** Vol.1. N.1 2012. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/369/362>
- CASADEI, E. **Os Novos Lugares de Memória na Internet: As Práticas Representacionais do Passado em um Ambiente On-line.** 2009. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/Casadei_memoria_Internet.pdf
- CUNHA, M. R. A Memória na era da reconexão e do esquecimento. **Em Questão,** Porto Alegre. v. 17, n. 2, 2011. p.101-115.
- CRUZ, V; MOREIRA, G. **Continuidades e rupturas na cultura fotográfica: fotografia digital, álbum de família e memória no Flickr.** Interin, Vol. 1. pg. 1-17. Universidade Tuiuti do Paraná Curitiba, Brasil. 2011.
- DALMASO, S. Alcar 2015. **10º Encontro Nacional de História da Mídia.** A construção da memória nos sites de redes sociais: percepções sobre experiências no Facebook. 2015

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1993.

ELHAJJIL, M. ESCUDERO, C. **Revista Observatório**, Palmas, v. 2, n. 5. WEBDIÁSPORA: Migrações, TICs e memória coletiva. p. 334-363, set./dez. 2016

ENTLER, Ronaldo. "Para reler a Câmara Clara". In: **FACOM - Revista da Faculdade de Comunicação** - FAAP, v. 14, São Paulo. 2006.

FELIZARDO, A. SAMAIN, E. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p.205-220, 2007

G1, GLOBO. **Instagram tem 800 milhões de usuários ativos por mês e 500 milhões por dia**. 29 de jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/instagram-tem-800-milhoes-de-usuarios-ativos-por-mes-e-500-milhoes-por-dia.ghtml>. Acesso em: 4 de jul. 2018

GOVEIA, F, ZANOTTI, R. **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Memória privada e memória coletiva na fotografia contemporânea. Natal. Set/2008.

GUNTHER, A. A fotografia, monumento da experiência privada. In: **Fotografia experiência: os desafios da imagem na contemporaneidade**. 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HENRIQUES. R. DODEBEI, V. A virtualização da memória no Facebook. **CES Revista**. Juiz de Fora. V.27.Jan/dez.2013 p.257-273.

HENRIQUES. R. DODEBEI, V. **8º Congresso SOPCOM: Comunicação Global, Cultura e Tecnologia**. Os rastros digitais e a memória dos jovens no Facebook, Out/2013.

HENRIQUES, R. RABELLO, R. Fontes digitais para a pesquisa em memória social: dois estudos de caso. **RESGATE - VOL. XXI, 25/26 - JAN./DEZ. 2013 - P. 59-65**

HENRIQUES, R. **Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais**. Rio de Janeiro. 2014.

HIRSH, M. **Postmemory**, 2012. Disponível em: < <https://www.postmemory.net/2012/01/04/hello-world/> >

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

LEMO, A. DE SENA, C. **Revista Mídia e Cotidiano**. Mais livre para publicar: Efemeridade da Imagem nos modos Galeria e Stories do Instagram. V. 12, n. 2, p. 6-26. 2018.

LEMO, A. et. al. Cibercultura como território recombinate. In: **A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa**. São Paulo: ABCiber, 2009. p. 38-46

LEMO, A. PASTOR, L. A Fotografia Como Prática Conversacional de Dados. **Comun. Mídia Consumo**; São Paulo, v. 15, n. 42, p. 10-33; jan./abr. 2018.

LEMOS, A, PASTOR, L. Fotografia. In: **Teoria ator-rede e estudos de comunicação**. LEMOS, A. Salvador, EDUFBA, 2016. P. 103-124.

LOWENTHAL, D. “Como conhecemos o passado”. IN: **Revista Projeto História**, n.17, novembro 1998, p.63-202. São Paulo: EDUC, 1998.

MACHADO, A. Por ano, 125 bilhões de imagens são compartilhadas na rede. **O Globo**, 06 de jun. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/por-ano-125-bilhoes-de-imagens-sao-compartilhadas-na-rede-8301345#ixzz5L4JBCwec>. Acesso em 4 de jul.2018

MLABS. **Evolução do Stories: conheça os principais lançamentos do Instagram Stories desde o seu lançamento!** 13 de jun. 2018. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/lancamentos-instagram-stories/>. Acesso em: jul. 2018.

MANOVICH, L. **Subjects and Styles in Instagram Photography**, 2016. Disponível em: <http://manovich.net/index.php/projects/subjects-and-styles-in-instagram-photography-part-1>

MESQUITA, F. **VIII Encontro Nacional de História da Mídia**. Álbuns fotográficos na internet: Apropriações das redes sociais e reconfigurações da memória pessoal. 2011.

MENDES, J. **O álbum (i)Material: O impacto da fotografia digital na produção do álbum de família**. Lisboa, 2012

MORIN, E. Partilhar uma memória para uma existência poética. In: **Memória cotidiana: Comunidades e comunicação na era das redes**. CASALEGNO, F. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MOTA, S. “Dos Álbuns de Família para as Redes Sociais: Fotografia em Rede na Vida Quotidiana”. In: **Atas do III Encontro Anual da AIM**. Coimbra, 2014.

MANDAJI, C. MOURA, K. **XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013. 2014.

PASTOR, L. **Processo fotográfico: automatismo e retorno ao manual na prática da fotografia através do smartphone**. Salvador, 2016.

RAMIRES. A, SILVA, N. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Construção Identitária nos Perfis Fitness do Instagram. 2015

RECUERO, R. Estratégias de personalização e sites de redes sociais: um estudo de caso da apropriação do Fotolog.com. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol.5, n.12, p.35-56. Mar.2008.

RECUERO, R. Mapeando Redes Sociais na Internet através da Conversação Mediada pelo Computador. In: **(Org.). Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009, v. p. 251-274.

RENDEIRO, M. **Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais**. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/938/93821299009/>

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RUSCHEL, H; ZANOTTO, M; MOTA, W. **Computação em Nuvem**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil, 2010.

SIBILIA, P. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. In: **Olhares sobre a Cibercultura**. LEMOS, A. e CUNHA, P. (Orgs). Porto Alegre: Ed. Sulina, 2003.

SIBILIA, P. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. A vida como relato nos blogs: mutações no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do "eu". 2004.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Companhia das Letras. 2004.

TERRA, V. **Representação e imagem: o Instagram como ferramenta de produção de novos sentidos**. Rio de Janeiro, 2017.

VIRILIO, P. O paradoxo da memória do presente na era cibernética. In: **Memória cotidiana: Comunidades e comunicação na era das redes**. CASALEGNO, F. Porto Alegre: Sulina, 2006.

APÊNDICE - Questionário sobre o uso da #tbt

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Faculdade de Comunicação
Pesquisadora: Sara Lima
Orientador: Prof. Dr. André Lemos

Neste questionário serão feitas perguntas simples e rápidas que não levarão mais de 10 minutos para serem respondidas. Suas respostas contribuirão para o desenvolvimento de uma pesquisa de trabalho de conclusão do curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Bahia. O objetivo desta pesquisa é analisar o compartilhamento de imagens antigas no Instagram a partir da #TBT.

1. Identificação

a) Idade

- Até 15 anos
- 15 – 20
- 21 - 25
- 26 - 30
- 31 - 35
- 36 - 40
- 41 - 45
- Mais de 45 anos

b) Gênero

- Feminino
- Masculino
- Outro:

c) Grau de escolaridade:

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto

- Ensino Superior completo
- Pós-graduação

d) Região:

- Norte
- Nordeste
- Centro-Oeste
- Sudeste
- Sul
- Fora do Brasil

2. Instagram

Nesta seção serão feitas perguntas sobre o seu uso do aplicativo

a) Há quanto tempo você está no aplicativo Instagram?

- Menos de 1 ano
- 1 ano
- 2 anos
- 3 anos
- Mais de 4 anos

b) Com que frequência você costuma compartilhar imagens no *feed* do aplicativo? (*o feed é a galeria de imagens disponíveis em seu perfil no Instagram*)

- Diariamente
- Duas a três vezes por semana
- Uma vez por semana
- Duas a três vezes por mês
- Raramente
- Não costumo publicar fotos na galeria

c) Com que frequência você utiliza o Instagram Stories? (*O Instagram Stories é o recurso de compartilhamento de fotos que expiram após 24h*)

- Várias vezes ao dia
- Diariamente
- Duas a três vezes por semana
- Uma vez por semana
- Algumas vezes por mês
- Raramente
- Não costumo usar o Instagram Stories

d) Qual regularidade você costuma compartilhar imagens antigas no seu Instagram? (*ex: fotos de aniversários passados, de sua infância, vídeos de viagens passadas...*)

- Frequentemente
- Muitas vezes
- Às vezes
- Raramente
- Não compartilho

e) Em qual recurso você mais compartilha essas imagens?

- Instagram Stories
- *Feed*

3. #TBT

Throwback Thursday, no português “quinta do retorno”, é uma hashtag utilizada em fotos antigas publicadas na quinta-feira. Aqui serão feitas perguntas sobre seu uso da hashtag.

a) Com que frequência você utiliza a #tbt no *feed*? * (Se a resposta for negativa, pule para o item “memória”)

- Diariamente
- Semanalmente
- Duas a três vezes por mês
- Uma vez por mês
- Raramente
- Não adiciono nesse recurso
- Não utilizo a #tbt (*encaminha para última seção*)

b) Com que frequência você utiliza a #tbt nos Stories?

- Diariamente
- Semanalmente
- Duas a três vezes por mês
- Uma vez por mês
- Raramente
- Não adiciono nesse recurso

c) Que tipo de imagem é mais compartilhada por você com a #tbt:

- ☐ Fotos com amigos
- ☐ Paisagem
- ☐ Selfies
- ☐ Fotos em família
- ☐ Animais
- ☐ Shows/Espetáculos
- ☐ Objetos
- ☐ Cidade
- ☐ Natureza
- ☐ Retratos da Infância
- ☐ Vídeos

d) Qual o critério utilizado para escolha da imagem a ser compartilhada com a #?

- Uso a imagem mais bonita que tenho daquele momento
- Uso a imagem que capturou o momento que gostaria de compartilhar
- Uso a imagem que mais me comove
- Uso a imagem mais antiga
- Uso a imagem que mais combina com meu estilo de postagem
- Outro: (.....)

e) Qual o principal motivo de compartilhar fotografias com a #tbt?

- Gosto de compartilhar momentos importantes para mim
- Gosto de compartilhar o que sinto ao relembrar o que me aconteceu
- Para impulsionar minha publicação
- Porque quero criar vínculos com meus seguidores
- Quero tornar meu perfil cada vez mais fiel à minha vida
- Porque todo mundo usa a #tbt
- Outro: (.....)

f) Por que você utiliza legendas nas publicações com a #tbt?

- Porque gosto de complementar minhas imagens com textos
- Porque gosto de escrever
- Porque quero que entendam o motivo de minha postagem
- Para aumentar o engajamento dos meus seguidores em minha publicação
- Não utilizo legenda
- Outro: (___)

4. Memória

a) Como é seu perfil?

- Público
- Privado

a.1) Se público

1.1) Por que compartilhar fotografias antigas com a #tbt publicamente?

- Quero mostrar quem eu sou
- Quero que pessoas desconhecidas se interessem por mim
- Eu não me importo em ser público
- Quero que conhecidos me reconheçam e me seguiam
- Para minha fotografia ser indexada na lista mundial da #tbt

1.2) Você acha que faz sentido compartilhar suas memórias com pessoas que não lhe conhecem?

1.3) Por quê?

a.2) Se privado

2.1) Por que você compartilha imagens com a #tbt em privado?

- Porque tenho maior controle sobre o alcance de minha publicação
- Porque me sinto mais à vontade compartilhando em privado
- Porque quero somente compartilhar com meus seguidores
- Porque considero minhas fotografias pessoais demais
- Outro(...)

2.2) Se seu perfil fosse público, você compartilharia suas memórias?

2.3) Por

quê?

a) De que ano foi a imagem mais antiga compartilhada por você com a #tbt no *feed*?

(ex: 2006, 2017, etc. Caso tenha dúvidas, olhe em seu instagram a(s) última(s) postagem com #tbt. Se não compartilhar nesse recurso, basta responder "não tenho".)

b) E nos stories? (ex: 2006, 2017, etc. Caso tenha dúvidas, olhe em seu arquivo do Stories no instagram a(s) última(s) postagem com #tbt. Se não compartilhar nesse recurso, basta responder "não tenho".)

c) Quanto você costuma lembrar momentos quando está escolhendo a imagem a ser compartilhada com a hashtag? (Em uma escala de 1 a 5, 1 significa "não lembro" e 5 "relembro bastante")

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

d) Dado que toda foto representa o passado, quais diferenças você percebe entre as fotos que possuem a #tbt e aquelas que não possuem a #?

- As fotos com a #tbt são mais íntimas
- As fotos com a #tbt parecem mais velhas
- As fotos com a #tbt costumam ter mais comentários
- As fotos com a #tbt possuem mais teor saudosista
- As fotos com a #tbt não possuem uma qualidade boa
- Não percebo nenhuma diferença
- Outro (...)

e) O que você sentiu quando você foi marcado em uma fotografia antiga por um amigo? (ex: algum amigo seu compartilha uma foto em que você aparece e lhe marca).

- Saudade
- Vontade de compartilhar uma imagem antiga também
- Nostalgia
- Vontade de conversar sobre o momento com o amigo
- Me senti bem sendo lembrado
- Nunca fui marcado
- Outro (...)

f) Você já deixou de publicar alguma imagem porque achou que ela não faria sentido para os seus seguidores?

- Sim
- Não

5. QUESTÕES COMPLEMENTARES

a) Nas suas postagens com a hashtag, o que você mais costuma utilizar? (caso tenha dúvidas, olhe em seu instagram a(s) última(s) postagem com o tema do tbt)

- ☐ Texto
- ☐ Emojis
- ☐ Localização
- ☐ Outras hashtags

b) Por que você passou a compartilhar mais fotos antigas após a #tbt?

- Porque encontrei uma oportunidade para compartilhar minhas memórias

- Porque acho a dinâmica do tbt interessante
- Porque vi meus amigos compartilhando
- Porque se tornou uma tendência
- Eu já postava antes de usar a hashtag
- Não compartilho imagens antigas com a hashtag

c) Alguma vez você esperou a quinta-feira para compartilhar uma imagem antiga?

- Sim
- Não

d) Por quê?

6. Obrigada!

Este espaço serve para comentários adicionais sobre a #tbt no Instagram. Sinta-se à vontade para compartilhar experiências, sensações e observações sobre a prática de compartilhar imagens antigas no aplicativo por você ou por quem você acompanha. Caso tenha interesse em participar da segunda etapa do processo, que consiste em entrevistas sobre o tema, informe seus dados abaixo para contato. Sua identidade será preservada e seus dados de contato serão usados apenas para questões relacionadas à pesquisa.

COMENTÁRIOS
